

Raymundo Moraes

Alusão

ga

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S/A - EDITORA
RIO DE JANEIRO

Procurem ler:

NA PLANICIE AMAZONICA

por RAYMUNDO MORAES

4.^a EDIÇÃO

Entre os ensaios sobre a Amazonia, sem citar os eruditos de Tavares Bastos, ha outros notaveis pelo brilho descriptivo e pela fidelidade da observação. Mas não passam, na maioria, de observações parciais, limitadas a certos aspectos do gigantesco scenario, eivadas de repetições que commentarios mais rigorosos denunciaram erroneas; mas NA PLANICIE AMAZONICA é o reverso das medalhas em que scientistas e literatos vêm gravando as phrases retumbantes como apoteoses ou anathemas sobre o valle portentoso. Versado na bibliographia amazonica, o autor poz á prova as affirmações dos seus antecessores num estudo demorado, perlongando, em singraduras successivas, o leito do rio-mar, dos seus affluentes, e dos igarapés que se formam e se desmancham ás suas margens.

A VENDA EM TODAS
AS LIVRARIAS

Nº 01227



Alluvião

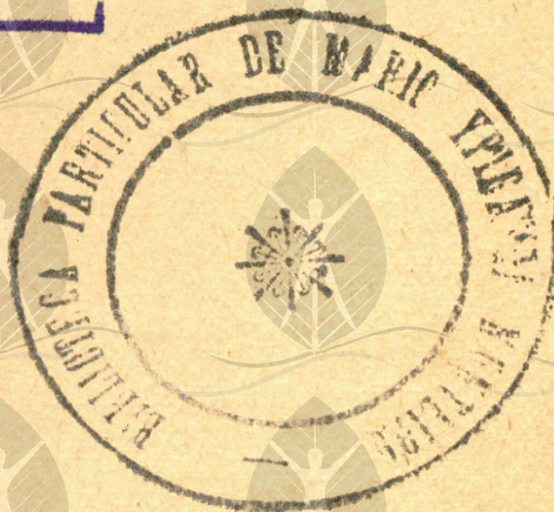


RAYMUNDO MORAES

DA SOCIÉTÉ DES AMÉRICANISTES DE PARIS

Alluvião

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas



1937

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, S/A.

Rio de Janeiro

Handwritten:
8/11/37
918.445
71827a

Bt. Mário Ypiranga Monteiro

Registro: 02343

Folha:

Data:

OBRAS DO MESMO AUTOR:

PUBLICADAS:

Notas dum Jornalista (Esgotada)

Na Planicie Amazonica (Quatro edições de 22 mil exemplares). Premiada pela Academia Brasileira de Letras e adoptada na Instrução Publica dos Estados do Pará, Amazonas e do Municipio de Manáos.

Cartas da Floresta (Esgotada)

Paiz das Pedras Verdes (Duas edições). Adoptada na Instrução Publica do Pará.

O Meu Diccionario de Cousas da Amazonia (Dois volumes)

Amphitheatro Amazonico

Alluvião

A PUBLICAR:

O Homem do Pacoval

Os Igarafinas (Romance amazonico — Costumes paraenses)

O Mirante do Baixo Amazonas (Romance)

INDICE

	Pag.
ALLUVIÃO	5
I — Os Sambaquis	11
II — O Purussaurus	15
III — Os Perfumes	20
IV — Alguns fructos acclimados	25
V — Luz e sombra	31
VI — Ruy, o advogado	34
VII — Aspectos marajoáras	40
VIII — Cosmographia antiga	44
IX — O Tupi na Geographia	50
X — Sabio contra sabio	54
XI — Da Casa das Canôas ao Arsenal de Marinha	61
XII — Goethe, neto do adivinho	68
XIII — Um illuminurista das sciencias naturaes	74
XIV — A sonda acustica	78
XV — Paraiso dos entomologistas	85
XVI — O Canal	91
XVII — A's portas do El-Dorado	96
XVIII — O gato encyclopédico	99
XIX — Agua morta	105
XX — O novo pharol do Frechal	109
XXI — Os Fósseis	112
XXII — Influencia humana, climatica e animal	116
XXIII — Do mimetismo ao autoctonismo	121
XXIV — Pero Vaz de Caminha	127
XXV — Carta do outro mundo	133
XXVI — Indios pretos e louros	139
XXVII — São João	143
XXVIII — A expedição Iglesias	146

	Pag.
XXIX — Contrastes marajoáras	152
XXX — João Lucio de Azevedo	155
XXXI — Lenda e tradição nos mercados	161
XXXII — Fabulario em marcha	166
XXXIII — Os Mondongos	172
XXXIV — Hollandez, pedra-pomes e cavallo	175
XXXV — A Pororóca	179
XXXVI — Vicente Joanes Pinzon	182
XXXVII — Peixe que marcha a ré	186
XXXVIII — O Porteiro	189
XXXIX — Arvore da trombeta	192
XL — O reino dos phantasmas	195
XLI — Contradicções geographicas	198
XLII — David Perez	201
XLIII — época Prebananica	207
XLIV — Deuses amazonicos	210
XLV — O Urutay	215
XLVI — Falta a pedra lascada	217
XLVII — E' estrangeiro	220
XLVIII — O sabio Jacques Huber	223
XLIX — O nosso pavilhão	226
L — Robinson Crusóe	229
LI — Um livreiro immortal	233
LII — Nem genio nem cretino	236
LIII — Toma lá, dá cá	239
LIV — Memorias	243
LV — Conhecidos do cinema	246
LVI — Mesmo depois de um seculo	249
LVII — Toda briga é economica	252
LVIII — Nem acaso nem proposito	256
LIX — O pobre diabo	260
LX — Venenos sagittarios	263

ALLUVIÃO é um titulo que traduz por certo a literatura miuda e ligeira deste livro. Accrescente-se-lhe, para justificar plenamente o baptismo, a variedade de assumptos, que se polarizam no solo e no firmamento, na flora e na lympha, no animal e no homem, assumptos sempre tratados com o proposito de reduzir ao minimo cada descriptiva.

Qualquer capitulo do volume, remarcado na synthese de poucas paginas, daria o duplo, o triplo, vinte vezes mais, alentada monographia sem duvida, se o autor não tivesse em mira fazel-o o menor possivel.

Além disso, como a obra é traçada no estuario amazonico, em Belém do Pará, riba guajarina, patria maravilhosa da alluvião, que, em geologia corresponde talvez ao pergaminho do palimpsesto, cuja escripta de hontem a mão do homem apaga hoje para restabelecer amanhã — nada mais justo que esse nome symbolize o conjuncto do tomo na mais real das allegorias.

Nenhum curso hydrographico do orbe descarrega, no golfo em que se lança, quantidade tão impressionante de massa deltaica como o Amazonas. Essa toalha alluvial transformou, no espaço e no tempo, o vasto estuario em que a poderosa arteria potamica vomitava, no mais curioso e surpreendente systema insular, no mais verdejante e multifario archipelago que se possa conceber. Ha ilhas que recordam bouquets pela miniatura, e ha ilhas que recordam paizes pela grandeza.

O plasma literario deste volume pode não conter, como realmente succede, a particula alluvionaria do ouro, mas contém a particula glebaria do estudo, materia que solda as restingas intellectivas, as varzeas da pesquisa, a terra em ser do pensamento.

Assim, o titulo da obra, quando menos, reflecte o ponto geographico em que foi apropriado; corporifica o turbilhão sedimenticio fluctuando na agua; retrata, emfim, o depósito de argillas ou de vegetaes egresso dos máramos andinos a orumo azul do mar.

Alluvião - livro, é, pois, a imagem da alluvião - terra, sempre contraditoria, heterogenea, feita de folhas, de raizes, de minérios, de despojos, de elementos complexos, em summa, originarios de varios territorios desta ou daquela nação, e que a Natureza, nos seus mil processos transformadores,

lança aqui na corrente caudalosa para, acolá, numa reconstituição topographica, levantat-os de novo.

RAYMUNDO MORAES.

Belém do Pará, junho, 1937.



OS SAMBAQUIS

Sambaqui é uma collina artificial de conchas decorrentes dos despojos da cozinha do indio e que se encontra, quando novo, á margem dos rios e dos lagos; e, quando velho, por terra a dentro, no seio das florestas. E' que a terra avançou, deslocando-o topographicamente. Existem archeólogos que acreditam no sambaqui natural, feito pela onda, enquanto outros não creem nisso.

No sul o chamam de casqueiro e ostreiro; de sambaguê em São Paulo; aqui, pelo extremo norte, golfo e Baixo Amazonas, de mina de sernamby. Carlos Wiener, um dos sabios de mais larga visão que eu já li, ao traduzir o marco inicial da vida primitiva do indio americano, examinou os sambaquis meridionaes do Brasil, fazendo em torno desse trabalho curiosas observações scientificas.

Com o choque estabelecido por elle entre as idéas rotineiras da civilização selvagem e os factos

contrarios apontados no seu inquerito, instituiu-se um verdadeiro paradoxo, tanto mais chocante á primeira vista, quanto confirmado por outros documentos mais positivos ainda.

Diz, por exemplo, o eminente professor de archeologia o seguinte nos seus "Estudos sobre os Sambaquis do Brasil": "E' justamente esta a occasião opportuna de expôr, nesta segunda parte de nossa synthese, algumas idéas sobre os principios da archeologia brasileira em opposição aos da archeologia do Velho-Mundo. Divide-se a idade da pedra em dois periodos: o da pedra lascada e o da pedra polida. E' incontestavel que antes de polir uma pedra o esculptor a desbasta. Esse desbastamento corresponde ao primeiro periodo; o trabalho mais artistico do aperfeiçoamento, ao segundo. Ora, para a archeologia americana, esta divisão não pode ser acceita, e eis a razão: acha-se nos sambaquis um numero consideravel de pedras roliças e achatadas de um lado pelo attricto de umas com as outras. Não tememos declarar que, nestes modelos, vimos os mais antigos instrumentos de pedra de que os homens se serviram. O machado, qualquer que seja a forma com que se o apresente, é ainda um instrumento feito de pedra polida e não lascada, pois que, em nossas excursões sobre a costa, encontramos um grande numero de pedras basalticas identicas ás que servem para a fabricação dos "machados". E, mais adian-

te: "Julgamos até que na America A ÉPOCA DA PEDRA POLIDA PRECEDEU POR MUITO TEMPO A DA PEDRA LASCADA". "Já havia muito tempo que o indio não era anthropóphago e tinha completamente abandonado o sambaqui quando entrou na edade da pedra lascada".

Como se vê, são extraordinarios e penetrantes os corollarios da analyse de Carlos Wiener. Se o sabio, no entanto, tivesse vindo por aqui, teria encontrado nas jazidas palethnographicas de Marajó um documento mais positivo ainda dessa involução.

O primitivo HOMEM DO PACOVAL, da nação aruak, deixou atravez da ceramica enterrada nos cemiterios da ilha a prova robusta desse involuir selvagem, pois a louça remota do farelhão marajoára não só é a mais artistica no que concerne ao molde, aos motivos estheticos de belleza plastica, como tambem ao padrão ornamental, onde os caracteres symbolicos, os hieroglyphos, os frisos, as gregas, os mataimes decorativos attingem, envoltos com as caras, caretas e carantonhas, razões mysteriosamente interessantes duma escripta secreta e indecifavel.

Esse attestado apoia em toda a linha as observações de Carlos Wiener, que constatou ter havido entre nós um periodo de pedra polida anterior ao da pedra lascada. Sobre os sambaquis do Pará, os dois paleontólogos que mais se interessaram por

elles foram Frederico Hartt e Ferreira Penna. Das observações dos dois sabios resultaram conhecimentos concretos, ficando provado pelo primeiro que o sambaqui paraense é um despojo da cozinha do indio; e, mais, que o valle amazonico soffreu uma alteração physica e mesológica depois da formação dos sambaquis, donde decorre encontrar-se hoje taes montes de concha floresta a dentro. Somme-se isto ao desapparecimento do molusco aquatico, factor da collina conchiliologica, em franca leva migratoria devido ás alternativas climaticas, como o coral em torno das Ilhas Britannicas, e teremos a realidade jungida aos phenomenos geognósticos e atmosphericos.

Embora resultado da mão do homem, como as inscrições rupestres, o sambaqui, no quadro scientifico dos archeólogos está no mesmo plano das jazidas espeleológicas, grutas, cavernas, lapas, antros, muito procurados na decifração anthropo-geographica dos ethnólogos, se bem que formados por agentes chimicos ou mecanicos.



II

O PURUSSAURUS

Apesar de remarcado o conhecimento da terra amazonica pela vinda de Agassiz, a verdade é que esse conhecimento é anterior, e data dos primeiros fosseis trazidos da bacia carbonifera do Tapajoz pelo engenheiro militar Silva Coutinho.

Agassiz foi, indiscutivelmente, a corneta scientifica através da qual o mundo naturalistico principiou a ouvir os maiores paradoxos geognosticos e meteorologicos, como, *verbi gratia*, o do periodo glacial no Equador; Silva Coutinho, porém, antes do rebôo singular do sabio suiso, já trouxera alguns fosseis do valle tapajonico das camadas médio-devonianas, documentando assim geologicamente a idade da terra naquellas paragens.

O professor de Cambridge (E. U.), agitando alguns problemas de ordem physica provocou o desmentido dos grandes naturalistas, como é o caso de James Orton, viajante que lhe denunciou co-

mo falsa a theoria das geleiras sob a linha equinoccial.

De taes surtos do famoso ichthyologista irradiados por entre os sabios, originou-se, ninguem néga isso, a curiosidade dos ecélogos, que, isoladamente ou em expedições, começaram a buscar o Rio-Mar.

A banda norte da bacia, zona guyanense, foi então visitada por uma leva de homens de sciencia, inclusive discipulos do proprio Agassiz, que vinham com o designio de corroborar as doutrinas do mestre, atacadas por Haeckel e Darwin, que se collocaram ao lado de Orton. Este denunciára a ousada affirmativa do sabio suiso expondo aos olhos scientificos do mundo uma fieira de conchas marinhas encontradas nas barrancas de Pébas, Solimões. Hartt, Smith, Rathbun, Clarke, Branner, para somente citar os que me occorrem de memoria, descobriram nos taludes ribeirinhos dos rios que descem no Baixo Amazonas dos planaltos guyanenses uma infinidade de molluscos marinhos, gasteropodos, algas e até coraes.

Foi uma revelação maravilhosa, sobretudo se attendermos para o phenomeno metamorphico das rochas nessa região, já de si mirabolante. Isso constatava, apesar da sua molduragem orogenica de alguma elevação, que a plaga era nova, aflorada recentemente dos pelagos oceanicos da era terciaria.

ria onde jazera millenarmente. Os positivos documentos assignalavam alli um fundo de mar.

Do lado opposto, no entanto, sul da corda mater que é o Amazonas, onde a terra alluvionaria tem o seu imperio e em cujas dobras ainda mal conseguiu fixar os cursos d'agua, encaixar o *canon* dos tributarios, registava-se o contrario, isto é, a velhice da gleba, a antiguidade remotissima da plaga, o que confirma as apparentes extravagancias geologicas de Castelnau.

As provas eram os especimens da fauna paleozoica, os animaes gigantes dum mundo primitivo e hoje desconhecido. No Juruá, ainda agora, de vez em quando, surgem na matta ou nas orlas ribeirinhas esqueletos formidaveis de quadrupedes que recordam a zebra e o cavallo. Nas bordas do Acre, arteria fluvial da margem direita do Purús, Chandless encontrou "restos de uma especie de *Mosasaurus*, que é um genero caracteristico da idade cretacea". O *Dinosuchus terror*, crocodillo gigantesco descripto por M. Paul Gervais, fez parte da fauna amazonica, possivelmente na área dos rios de *agua branca*. No Pauhiny, tributario da esquerda do Purús, G. Gurich descobriu um jacaré fossil de largas dimensões — o *Gryposuchus jessei*.

No leito do Purús Barbosa Rodrigues assignala um grande jacaré de mais de dez metros e uma tartaruga de mais de dois metros, maior que a de Ameghino no rio da Prata. Eis como o nosso emi-

* Em 1959 uma expedição do INPA achou uma de quatro metros.

nente patricio botanico se refere ao caso: "Entre os chelonios (classificados por elle de *Colossoemys*) viviam nas aguas terciarias saurios monstruosos. Uns não tinham mais que barbatanas; outros, pés armados de gryphos, sahindo do elemento liquido para exercer assaltos em terra. Estes ultimos se achavam muito approximados dos crocodillos dos nossos dias".

O eminente naturalista brasileiro estuda a cabeça do *alligator*, estabelecendo pelo craneo e pelos dentes differença entre este reptil e o *sclerops* de Castelnau. Como se vê, o valle do rio Purús é um dos mais importantes nucleos fossiliferos.

Quem escreve estas linhas delle trouxe, ao tempo em que o navegou, as mais curiosas especies de fosseis: cascos de tartaruga petrificados, cabeças de jacaré, galhos de arvore, sapos, insectos, cobras. Dir-se-iam de cimento armado. O mais interessante porém de tudo isto é que foram encontradas no leito do rio muitas dessas peças em plena transformação. Assim, certos pedaços de pau apresentavam uma extremidade fossilizada e outra não. Cascos de tartarugotas de dois palmos (*cunhamucús*) tinham o peito petrificado, enquanto a carapaça ainda se achava no estado normal.

A abundancia da materia fossil no Purús obriga-nos a transcrever o trecho seguinte de Barbosa Rodrigues: "Creio, entretanto, poder incluir em

um novo genero, distinguindo as especies fosseis das especies vivas; proponho, pois, em consequencia, o genero que chamarei *Purussaurus*, do Purús, rio do mesmo nome, á margem do qual foi encontrado o fossil do saurio, lagarto. As formas deste animal, durante sua vida, devem ter sido muito diversas das do crocodillo ou das do caïman de hoje, um africano e outro americano, porque se os differentes paizes produziram os dois generos, elles devem ser forçosamente da mesma especie geologica, como se observa em todos os animaes de faunas antigas e modernas”.

Nestas condições, o Purús resalta na rede hydrographica do nosso aranhol mediterraneo, não tanto pela abundancia fossil, mas pela grandeza desses fosseis, pelos gigantescos fosseis, em summa, documentos que denunciam um mundo animal desconhecido nesta era.



III

OS PERFUMES

Não obstante a gente do amphitheatro amazonico, e principalmente da que morava em Marajó, symbolizada no *Homem do Pacoval*, da nação aruak, possuir, como todas as outras tribus do valle equatorial um vago cheiro a fumaça, advindo por certo do fogo em baixo das redes na maloca, fogo que tem sido o seu lençol, a sua colcha, o seu capote e a sua trincheira contra as feras nocturnas que lhe rondam o somno— essa gente presava e apreciava os perfumes. Especialmente a cunhã. Porque era e é de facto a mulher que se encarrega da parte artistica, da parte elegante, da parte prophylactica, dentro já se vê dos principios rudes e embryonarios dum povo errante, vindo do mysterio com carta de prego para o paiz em que não se morre, região que o selvagem buscava para acampar definitivamente.

Vivendo, pode-se dizer nagua, tomando dois, tres, quatro banhos por dia, a familia do *Homem*

do *Pacoval* dispunha duma flora surprehendente e variada, quer na parte em que a *hyléa* reveste a terra pelo occidente, quer na parte dos campos, onde a savana se remarca pelos capins cheirosos, pelos trevos, pelas hervas, pelos arbustos.

Apesar da linha floristica norte-sul, que demarca no farelhão marajoára duas provincias botanicas, não só da banda campesina como da banda florestal os perfumes silvestres abundam com a força vitalizante do sol do Equador. As parasitas, os cipós, as folhas, as raizes, as cascas, as epiphytas, dum lado, disputam primazias aromaes ás gramineas, á relva, ao trevo, á onda verde dos prados, de outro.

Baunilhas, cumarús, paus-rosa desta região desafiam as pripriocas, as cecens, as margaridas daquella. Os oleos perfumosos, os balsamos, os leites dalli provocam confrontos com as resinas, os breus, as entre-cascas daqui. Isto sem metter a multidão lacustre dos uapés, dos mururés, de todas as nympheáceas que florescem na agua dormente e que se polarizam com os tuberculos, com os *libers*, com os grelos e os pendões trescalantes da terra-firme.

A gleba toda da grande ilha, da umbella aérea á samambaia rasteira, do amplo chapéu chlorophyllado á haste debil duma flôr do campo, desabotôa no vegetal cheiroso que attrae a abelha e o homem, o passaro e a cunhã.

Assim como a secreção da baleia — o ambar — fornecia o aroma delicado á dama aristocrata da Idade Media, obrigando o nauta daquellas eras a verdadeiros *raids* maritimos para adquirir a procurada essencia — a secreção do sapo cunauarú na Amazonia fornece um dos mais finos perfumes com que se defumavam, em ritual, os papeis da cunhã marajoára.

Ninho de resina odorifera em que o batrachio dorme no ôco dos paus, lembra uma tigelinha de jutahicica e constitue um raro e precioso aroma no largo bloco insular. Queimam-no em caçuletas de barro.

Além desse producto batrachio ainda existem os breus cheirosos, vertidos dos troncos de arvores, cujas exalações quando queimados recordam os languidos effluvios das oblatas votivas perdidas na atmosphaera dos conventos, das offerendas amorosas a ondular no ambiente dos harens.

As resinas que choram no caule dos representantes dos bosques, dos principes arboraes da selva lagrimas amarelas, vermelhas, cremes, brancas, cinzentas, como perolas que brotassem dum verde e cyclopico vegetal, espalham uma serie de perfumes tão exquisitos e caprichosos que dir-se-ia vindos do oriente, originarios dalgum sandalo divino ou das visceras dalgum animal encantado.

Fóra, no entanto, dos aromas da jangla e da savana já referidos, teve ainda o *Homem do Pa-*

coval a japana, a mangerona, a açucena randia, a casca preciosa, a cannela, o araticú, o caapitiú, o camará, a cedrela odorata, o cumacaí, a fava do puxurí, o malmequer do campo, o pau cravo, as cataléas, os catacetuns, a raiz do piraturá, a pataqueira, o pega-não-me-larga, a mão de onça, o uapé e essa extraordinaria e estonteante macacaporanga, cuja arvore é toda uma estrophe de fragancias, um canto de essencias mesclado de benjoim, de mirra, de incenso; um poema, sem duvida, dalgum perfumista autochtone que versejasse na linguagem subtil dos nardos maravilhosos.

A raspa, a serragem da macacaporanga serve para o celebre cheiro de papel, no qual entram tambem a priprioca, o jasmim e a rosa. Folhas, ramos, galhos, troncos, raizes dessa admiravel essencia trescalam um suave e imprevisto odor.

Posta na roupa branca dos balaios, bahús, commodas, *sachets*, o seu cheiro se impregna de tal forma no panno que, mesmo depois de lavado, ainda perdura.

Completando este scenario vegetal, alça-se nas forquilhas e nos galhos altos da matta uma verdadeira theoria de cipós, de guirlandas, de festões que gritam nas flôres vermelhas o perfume mais violento, nas flôres amarelas o aroma mais doce, nas flôres alvas a fragancia mais exquisita.

Não incluo na serie o patchuli (*Vetiver*) pela duvida de suas origens, que se diz não serem au-

tochtones, mas da India. Entretanto essa graminea medra no Pará, e principalmente em Marajó, como no seu *habitat*. De aroma delicado, a raiz fina e branca, em pequenos molhos da grossura de um dedo, posta por trás das telas e dentro dos vasos e jarros decorativos, nas salas, nos gabinetes, nas varandas, espalha um perfume brando e admiravel.

Da mulher selvagem até os dias correntes, os chimicos domesticos do amphitheatro amazonico vivem fazendo combinações de essencias em garrafas, em cuias, em enveloppes de papel, de maneira a conseguir os mais famosos extractos da flora equatorial. Ralados, macerados, fervidos, atravez dos processos primitivos e embryonarios, em summa, os vegetaes das nossas mattas e dos nossos campos têm alguma cousa de singular e typico na fragrancia com que perfumam a terra.



IV

ALGUNS FRUCTOS ACCLIMADOS

Um dos optimos trabalhos de Jacques Huber foi sem duvida o de estudar os fructos amazonicos atravez da geographia. Apurando a origem de cada um, determinando-lhes em summa a patria, o sabio rasgou novos horizontes botanicos, e, talvez mais do que isso, ethnographicos. Nesse objectivo recorreu, conforme elle mesmo probidosamente declara, á excellente obra de Adolphe Candolle *L'origine des plantes cultivées*. Reforçou com taes conhecimentos de gabinete a sua peregrina observação directa, que é sempre photographica, e chega a ser escandalosa, de perfeita e clara.

Do conjuncto desses estudos surgiu a melhor monographia sobre a materia, monographia hoje estampada num dos *Boletins do Museu Paraense*. Porque a verdade é que o nosso vasto pomar, além dos especimens indigenas, constituiu-se, á semelhança do povo, dos typos mais exóticos, vindos de todos os quadrantes do globo. Os contrabandistas,

os piratas, os frades, os exploradores, atravez do commercio que faziam com o indio nessas primeiras *ciganagens* silvestres, deixavam tambem o fructo antipoda, em semente ou muda, trazido de outros mares e de outros hemispherios.

A *banana*, por exemplo, que representa hoje um exemplar botanico de linhas autochtones, é originaria da Asia, tanto que já houve, segundo João Ribeiro na sua *Historia do Brasil*, uma época pre-bananica, isto é, um tempo em que o genero musaceo era inteiramente desconhecido para aquem dos lindes patricios. As multiplas qualidades espalhadas hoje em larga escala no amphitheatro amazonico, desde a reforçada e nutritiva *pacova* que é o termo tupi, assim como *banana* é africano e *musa* arabe até a inajá miúda e cheirosa, com escala pela S. Thomé, chorona, branca, maçã, prata, mostram que a bananeira, pelo clima e pela terra, fez da planicie um segundo *habitat*. Entretanto ella perde, de certos pontos para o montante na rede hydrographica da Amazonia, os seus attributos delicados, as suas propriedades aromaticas.

Outra fructa que tomou nestas paragens um largo surto foi o *mamão*. Os especialistas botanicos julgam que o Mexico é o seu paiz de origem, embora tal indigenato ainda seja motivo de controversias. Ha o mamão macho e o mamão femea, sendo que o primeiro é esteril. A proposito Roquette Pinto, nos *Seixos Rolados*, conta o incidente da

carica papaya e da *carica mamaya* vindo a furo na *Flora Fluminense*, do frade naturalista Conceição Velloso. Arvore hoje sub-espontanea na plaga paraense, medra com rapidez incrível.

A carne envolta na folha do mamoeiro amollece, tornando-se macia e tenra. As lavadeiras tiram a mancha da roupa branca com ella, que tambem serve em chá, na pagelança domestica, contra o enjôo. Não ha nausea, por mais rebelde, que não ceda a uma chicara desse infusorio fervido. O fructo, verde ou maduro, em doce ou mesmo comido ao natural, é excellente. Trinta annos para trás o mamão era tido aqui como fructa agreste, indigna de figurar nas mesas ricas.

Na bella monographia intitulado *Os Mosquitos no Pará*, conta Emilio Goeldi que havendo surgido noticias na imprensa de que o mamoeiro (*carica papaya*), conforme experiencias feitas na China, afugentava o mosquito, examinou o caso obtendo resultados negativos. Já o mangericão, tambem plantado especialmente pelo sabio com o mesmo objectivo deu fim satisfatorio contra o *stegomyia*, vehiculo da febre amarella, sem resultado no entanto contra o *culex fatigans*, vehiculo da filariose. Uma das melhores syntheses sobre o mamoeiro encontra-se na obra de Alfredo Augusto da Matta — *Flora Medica Brasiliense*.

A *manga* é outra fructa cuja arvore já tem entre nós ares silvestres. Egressa da Asia Meridio-

nal, os agricultores, por meio do enxerto, criaram-lhe tantas variedades na côr, no tamanho, no cheiro, que é presentemente difficil dizer qual o typo originario do Oriente. No Estado do Pará, sobretudo em Belém, a mangueira é mais de sombra que de fructo. As alamedas paraenses, verdadeiros tuneis de folhagem nas avenidas da capital, são notaveis de penumbras. As raizes, entretanto, que levantam as calçadas, desaggregam as pedras e quebram o pavimento das ruas, estão reclamando um substituto para a arborização urbana. Nenhum em melhores condições que o oití, já pelo indigenato, já pela belleza da fronde, já porque resiste á poeira, isto tudo sem atacar o calçamento, como succede á mangueira, e, principalmente, ao *ficus benjaim*, tambem importado, cujas raizes equivalem por baixo da terra a uma arvore muito mais ampla que a exposta ao sol. As radículas, especies de galhos subterraneos, occupam área duas vezes maior que a copa.

O TAMARINDO. Arvore bella, copada, veiu para o Brasil atravez das Antilhas, até bem pouco tempo conhecidas por Indias Occidentaes; dahi o nome de tamarindo: *tamer* — *támara*, e *hindi* — *da India* (Jacques Huber). Egressa da Africa, o continente mais pobre do mundo em fructos, a sua dispersão no globo é hoje immensa.

O ABACATE, de indigenato no Mexico, é um pomo altamente diffundido na Amazonia, onde

medram varias qualidades. No Perú chamam-no *Palta*. Ao tempo dos incas plantavam essa arvore sobre as sepulturas peruanas como reserva alimenticia destinada aos mortos. O polymorphismo de suas folhas mereceu um estudo especial de Jacques Huber.

Tal memoria vem estampada, com a respectiva illustração, no VI volume do *Boletim do Museu Paraense*. A differença, na forma e no tamanho das folhas, é tão berrante que chama logo a attenção.

Accrescente-se ao abacateiro as propriedades medicinaes extraordinarias e teremos então um vegetal acclimado com a nossa mais alta sympathia. Restam ainda novas referencias ao fructo, que é comido como legume e como doce. Do primeiro modo ha quem lhe addicciono azeite, vinagre e até pimenta do reino. Do segundo esmagam-lhe a massa verdoenga e plastica, juntam-lhe assucar, vinho sêcco ou licor, passam-no em peneira fina e servem-no em taças. E' um creme delicioso, tido como aphrodisiaco. Existem abacates de varios feitios e nuanças. O mais commum porém guarda a forma de mamadeira. A respeito deste fructo certo chimico italiano que andou em Belém conta o seguinte caso: “Um abacateiro (*persea gratissima*), tendo, em consequencia de um accidente, perdido — de um só lado — uma parte de sua casca, principiou a produzir fructos sem peri-

carpo, e só voltou a produzir fructos normaes depois de resarcida a ferida por meio de uma camada de cimento". (Dr. G. Martina — *Estudo chimico sobre algumas fructas brasileiras*).

A FRUCTA-PÃO, indigena de Sumatra e de Java, vive na Amazonia desdobrada em duas qualidades: a de massa e a de castanha. Come-se a primeira assada, em fatias, cobertas de manteiga, verdadeiros beijús silvestres; a segunda, cosida, á semelhança da castanha europea. E' sub-espon-tanea e cresce rapidamente. A entrecasca das duas fornece estopa excellente, capaz de ser applicada em todos os misteres industriaes, inclusive no calafêto das embarcações.

A JACA é outro fructo magnifico. Crescem na Amazonia duas qualidades: a da Bahia, egressa da India; e a do Pará, egressa das Antilhas; esta mais conhecida por graviola. Fructos grandes, verdes, alongados, de pontinhas molles em toda a casca, pesam mais de tres kilos; de polpa branca, sabor acido, seu aroma é exquisito. Optima nos refrescos, excellente nos sorvetes, é um pomo refrigerante que merece a estima collectiva.

LUZ E SOMBRA

Não é só a humanidade que tem horror á sombra: as plantas e os bichos tambem. De parte alguns sêres nocturnos, que amam as trevas; e de certos exemplares botanicos afeitos ás penumbras, fauna e flora desenvolvem-se fascinados pelo sol. A claridade magnetica da luz, na alleluia chromatica das tintas, attrae para os cimos arboreos a multidão de vegetaes e irracionaes.

Na Amazonia o phenomeno é commovente. Animaes rasteiros nas campinas, vivendo satisfeitos nos prados, sem a preocupação inquietante do azul do céu, na selva armam-se, por cyclos millenarios de adaptação, de garras e de unhas para ascender pelo arvoredos ás cumiadas louras onde se espetam as frechas do sol. O mesmo acontece a muitos individuos silvestres, que se metamorphoseam em cipós, e, por meio de espinhos, aculeos, gavinhas e ventosas escalam as umbellas verdes no fascinio do ether radioso. Ratos, sapos, lagar-

tos, pica-paus, tucanos, macacos, cigarras, formigas, preguiças, besouros, cobras, sibilando, cantando, roncando, chiando, batendo, estridulando sobem alarmados com as sombras junto ao solo.

Das parasitas e epiphytas que emigram da obscuridade para as altas forquilhas, e que se desatam marinhando pelos galhos a sugar ou a se balar apenas, resulta na matta a impressão commum de cabos e linhas dum gigantesco navio glauco desarvorado, tantos são os filamentos silvestres pendentes e que lembram enxarcias, estaes, adriças, patarrazes, briões, escotas, rises e amantilhos. Dir-se-ia uma nau fantastica dos deuses autochtones encalhada no mysterio obscuro de parcéis umbrosos.

Os especimens botanicos de porte médio, e que se não soccorrem dos grandes para attingir a luz, espremem-se, adelgaçam-se, afinam-se e estiram-se na ansia angustiada de varar para a amplidão luminosa atravez da cupula da folhagem. Assahyseiros chamados da terra-firme, tristes e sós como espanadores de cyclopes, esgueiram-se premidos por typos de familias vigorosas e elevam o pennacho clorophyllado, num milagre de equilibrio, tal a haste franzina de que dispõe, á verde superficie aérea beijada pelo sol.

Na orla dos rios e dos lagos, onde a jangla é densa, fechada como bastiões de fortalezas erguidas sobre taludes e ravinas, o pavor cósmico da

obscuridade é tão eloquente e forte que todas as arvores da primeira fila ribeirinha se inclinam para fóra numa obliqua estranha ao fio vertical. Desviam a copa da ambiencia opaca assustadas por certo com o tom lobrego da selva, e quebram a perpendicularidade afim de envolver as cabelleiras crespas e desgrenhadas na onda fecundante da luz.

Em nenhum trecho do globo talvez se observe com tanto realismo esse horror da fauna e da flora pela sombra como na hinterlandia paraense; a tal ponto, que a rosa do sol, ao attrahil-as para o ar com o seu dourado poder vitalizante, põe em duvida as leis da gravidade da terra.

RUY, O ADVOGADO

Falando de Exercitos ou falando de Armadas, discutindo direito ou discutindo politica, Ruy Barbosa triturava, esbagaçava, pulverizava o assumpto a ponto de espantar os mestres. Exegeta em qualquer materia, ideal ou positiva, religiosa ou mathematica, lyrica ou naturalistica, foi elle, in-negavelmente, quem viu mais longe na America. Tinha olhar de aguia e vôo de condor. O seu horizonte guardava a amplitude de todos os quadrantes da rosa dos ventos. Quando fazia literatura, medindo-se com as maiores cerebrações do continente, seus trechos pareciam de ouro gravados em paginas de aço.

Era senhor daquelle cunho esthetico dos ourives florentinos e daquelle sentido universal da belleza da Renascença. Jornalista, o seu cálamo foi uma clava fulminante. Pensador, chegou ás paragens radiosas das conquistas liberaes. Sociólogo, nelle se via o paradigma. Diplomata, alçou-se á

admiração do congresso de Haya. Jurisconsulto, possuía a definição dos Codigos, a interpretação da Lei e o axioma da Justiça. Humanista, versando quasi todas as linguas, leu no original os Poemas de Homero, as Comedias de Aristophane, os Contos de Boccacio, as maldades de Machiavel, o humorismo de Sterne, as loucuras de Erasmo, as graças de Mark Twain e as sublimidades de Goethe.

Não lhe escapavam os mais fugidios aspectos da vida. Foi tudo com esplendor e espanto. Se lhe davam um aparte referente á côr de um sello ou ao peso de certa moeda, elle deitava abaixo a philatelia, revolvía cachoeirante a numismática e refreava o atrevido que o espicaçára. Ao fazer das paginas literarias, colhia os vocabulos com tanta propriedade, urdia os periodos com tanta elegancia, pureza de estylo e conhecimentos lexicos peculiares ao classico, que os seus capitulos valem por photographias de almas e de paisagens. Tinha qualquer cousa de augure nas arrancadas parlamentares e de propheta nos rodopios jornalisticos. Era tremendo.

Quando por acaso discorria sobre grammatica e philologia, assombrava os especialistas, produzindo monumentos tão altos na materia, que a posteridade vae admirar-os commovida. Mas é preciso deletreal-o com acuidade para que se perceba o advogado, o inexcedivel advogado, o estupendo

advogado, radiante, tenebroso, fazendo jogos flo-raes com as palavras, impressionando o auditorio com a logica, com a vehemencia, com as lagrimas, com os gritos, com os urros, com as pausas, com a flôr, com o sapo, com a verdade, com a mentira, com o escandalo, com as almas do outro mundo, com os vermes e as estrellas.

Ia do *bas-fond* ao palacio, do deserto á cida-de, da planicie á cordilheira, do oceano ao conti-nente, da terra ao céu, do criminoso ao innocente, do bem ao mal para levantar um indicio, fazer uma prova, architectar um documento que ser-visse ao seu cliente, fosse elle um ser vivo ou um ideal accusado. Remexia o mundo como um trapeiro universal para suspender do lixo uma fo-lha encardida de papel que lhe aproveitasse á de-fesa. Os eclipses, os naufragios, os terremotos, as pestes, os cyclones vinham-lhe de roldão nos argu-mentos terriveis. Os santos e os larapios, as vir-gens e as cortezãs, o conselheiro Accasio e Shakes-peare depunham aterrorizados ante o seu verbo apocalyptico. Conclue-se tudo isso das paginas lu-minosas que elle escreveu sobre Swift, ao prefa-ciar as *Viagens de Gulliver*. Accusado Swift pelos grandes homens de seu tempo, que o denegriam encarniçadamente no mais arrojado dos combates partidarios, por entre chufas e sátyras politicas, Tackeray, seu contemporaneo e inimigo, despejou sobre a cabeça do sacerdote as mais negras infa-

mias, as mais sinistras calumnias, as mais profundas injurias.

Essas cousas todas fizeram a travessia para a França. Ahi, Paul de Saint-Victor transformou a miseria em verdade, divulgou, propagou a maledicencia até que o veneno se concretizasse num capitulo dessa famosa *Historia da Literatura Ingleza*, bloco de granito cinzelado pelo buril innegualavel de Taine. Genio dialectico, malabarista da palavra, o autor das *Sete Lampadas da Architectura* foi inclemente com Swift. Repetiu, com a aggravante da synthese, com a força vulpina do gaulez, com o odio inexplicavel dos povos separados pela Mancha, tudo de mal que delle já se dissera no Reino Unido. E a civilização teve assim, num drama angustioso, de ver lapidar um innocente após ser coberto por toda a materia escrementicia que a malvadez politica, literaria e religiosa, recolhera das cavallariças de Augias. Ninguem que lesse as accusações de Taine, estribadas nos satanicos pamphletos de Tackeray e Paul de Saint-Victor, deixaria de amaldiçoar os manes de Swift, atirando-lhe o supremo sarcasmo, o derradeiro insulto, tão positivos se afiguravam os peccados tenebrosos do autor do *Conto do Tonel*.

Eis que surge porém o gladiador da palavra, o mestre da rhetorica, o esgrimista da logica, o cavalleiro da oratoria que era Ruy Barbosa, convidado a prefaciar as *Viagens de Gulliver*. Advoga-

do de lances ciceronicos no pretorio, Ruy Barbosa antes de escrever as paginas fulgurantes no portico do livro, examinou os autos que levaram á prisão o autor do trabalho. E quanto mais examinava a peça, obra prima de maldade, mais o acicataba o desejo de transformar, aquelle nobre e combatido espirito de Swift, de criminoso em innocente. Tinha, não ha duvida, diante de si um gigante accusador da envergadura de Taine, famoso pela força do argumento, temivel no sarcasmo, desmedido na invectiva. Historiador maravilhoso, pittoresco e dramatico, vendo no homem e na multidão o que elle desejava ver e não a verdade, o perfil athletico de Taine não intimidou Ruy Barbosa, que, depois de examinar folha por folha desse tremendo libello mettido na *Historia da Literatura Ingleza*, levantou o brado reivindicador denunciando o capitulo.

Ha que seguir linha a linha desse prefacio-defesa, cheio de relampagos e trovões, arrasador e retumbante como uma peça de artilharia, para se ter a idéa nitida e perfeita do poeta, do escriptor, do jornalista, do jurisconsulto, do diplomata, do sociólogo, envolvidos, enrodilhados, comprimidos, manietados pelo excelso advogado, característica maior do radiante espirito que foi Ruy Barbosa. O processo Dreyfus, na França, que agitou Paris e agitou o mundo, decorreu com elle em Londres, miseravelmente banido da patria. A sua visada

advocaticia sobre o caso, hoje guardado nas sensacionaes *Cartas da Inglaterra*, recortam-lhe já a figura gigantesca de patrono das grandes causas, das causas universaes, daquellas em que a humanidade, por uma inversão dos acontecimentos e na vertigem colerica dos apaixonados, faz do innocente o criminoso.



VII

ASPECTOS MARAJOÁRAS

O bloco insular marajoára, por motivo de seu tamanho e da sua posição geographica, enquadrado entre o mar largo e a terra continental, alimenta processos curiosos e antagonicos de pesca, desde o trazido pelo advena da conquista, portuguez, hespanhol e hollandez, quando não francez e inglez, pois todos andaram como caranguejos, arranhando nossas costas, no dizer dum inflammado chronista da época — até ao engendrado pelo selvagem, cheio de astucia, revelador da intelligencia mansa do indio, que faz tudo argutamente, meditadamente, sem barulho nem violencia dispersiva, antes prevendo, como um táctico, os pormenores que de certa forma concorrerão para annullar os planos estrategicos delineados pela embiara. De sorte que na contracosta, de Soure a Chaves, onde nadam a pescada e a tainha, o mero e o cação, a rêde de arrasto predomina,

As geleiras lusas que pescam nas enseadas ou rios que desaguardam na bahia de Marajó, apanham o peixe na praia ou na tapagem dos igarapés e lagos, quando não o compram de terceiros. Mércam a tainha e a pescada em primeiro lugar. Já os vigilengos patricios, pescadores a espinhel em longas linhas de mil anzóes resistentes e marcados pelas boias fluctuantes dos jamarús, *pegam* a gurijuba, a pirahiba, o doirado, a pirapema, a piramutaba, o filhote, a arraia, o cação. Trabalham distante, em geral com a terra alagada no horizonte, e de accôrdo com o fluxo e refluxo das marés. Fundeam nos pesqueiros a jusante de Belém e colhem os espinheis na baixa-mar, para subirem rapidos, na enchente, com o producto da pesca até a metropole paraense, onde o vendem. Isto sem contar a gente do Salgado que se occupa do marisco, do grude e da salga, trazendo além do caranguejo, camarão, caramujo e ostras frescas, a gurijuba, a tainha, ova e carne, salgadas, fóra o grude da gurijuba, que se exporta para o sul e estrangeiro, donde nos reenviam já com outras caras e baptisado com os nomes de colla, gomma-arabica, etc....

Mas ainda ha, na margem oriental do Marajó, o cacurí, que é uma cêrca de talas armada nas praias afim de apanhar o peixe que náda junto á beirada. Despescado na baixa-mar, o cacurí é o apparelho por excellencia para não consumir nem

sobresaltar ninguém, tão seguro é o methodo de se lhe retirar das empanadas as peças lá cahidas. Da outra banda de Marajó, lado de oeste, onde predominam os alagadiços, os igapós e pirisae, tarrafeia-se, gapuia-se, frecha-se, arpôa-se e entoxica-se a agua dos igarapés e lagos com o timbó, o tinguí e o cunambí, venenos que entorpecem os nadadores, fazendo, ás vezes, quando as cargas toxicas são demasiadas, mortandades tremendas, que infeccionam as aguas com a putrefacção dos cardumes mortos e desencadeiam epidemias terribéis.

Não entram em linha de conta os varios sistemas de arapucas mergulhadas, engenhosas heranças do indio, e que abastecem com fartura a mesa do caboclo já civilizado e mesmo do branco, que se pélla por uma trahira, por um jandiá, por um acari, por um tamuatá. Além desses estratagemas, a gente da orla occidental de Marajó ainda possui divertidos e pittorescos processos de pesca, como, por exemplo, o da noite escura com facho á prôa da canôa, quando a embarcação derivando rente á florola da beirada vae despertando o peixe adormecido e que, espantado, salta e cae no poço da montaria. Tambem o anzol iscado de penna vermelha, numa linha solta na esteira da canôa, engana o tucunaré e outros peixes, que pensam vêr na isca um matupirí nadando,

Salto, porém, deste assumpto variado e sempre interessante, como é a pescaria, para outro mais grave e menos commum, tal o geológico. O que ha sobre a materia é, realmente, quasi reservado, inaccessible mesmo ao grande publico, de curiosidade á São Thomé, mettendo o dedo em tudo, espiando por quanto buraco de fechadura ha no mundo. Assim, é justo que se divulguem os factos, sobretudo quando os estudiosos se interessam por elles. O nome de Cachoeira, realmente inexplicavel numa planura de alluvião, provém de “um recife de grés vermelho concrecionario, perdido alli no leito do rio (Arary), formando na vazante uma pequena cachoeira que dá o nome á villa. A rocha é o grés ordinario ferruginoso (arenito), que se encontra na vizinhança do Pará e Soure, e é a que tem sido reconhecida na ilha de Marajó, onde os afloramentos de pedra são excessivamente raros”. De parte os dois parenthesis, que são meus, a nota aspeada é do grande geólogo canadense Carlos Frederico Hartt, que veiu ao nosso Estado duas vezes.



VIII

COSMOGRAPHIA ANTIGA

Nem sempre o mundo foi uma bola. Os velhos navegantes da Idade Média, geógraphos e cosmógraphos anteriores á Renascença, desenhavam o nosso planeta de varias maneiras. Primeiro a parte solida, a terra-firme propriamente, era figurada por um disco, tendo a agua em volta. Assim a concebiam os poetas da Escola Jonica, segundo Plutharco.

“A vegetação dos tropicos inclinava um pouco para o sul o disco. Nos lindes aquaticos do orbe ficavam o Elyseo, as ilhas dos Bemaventurados, os Hyperboreos e o povo justo dos ethiopes. A fertilidade do solo, a amenidade da temperatura, a força physica dos homens, a pureza dos costumes, todos os bens em summa eram proprios do contorno do disco terrestre.” (Alexandre Humboldt — “O Descobrimento da America”).

Depois desta figura surge uma outra concepção do planeta. Teria a forma de grande lago, em

torno do qual estariam todos os povos e paizes daquelles idos. O lago era constituido pelo mar Tenebroso, Edrisi, Atlantico de hoje, dentro no qual navegavam os phenicios. Não havia sido ainda descoberto o Pacifico, por Balboa, chamado então mares do sul. Só existia um hemispherio — o do norte. Os homens notaveis daquelles tempos obscuros pensavam contraditoriamente, dizendo cousas hoje que modificavam as de hontem e contradiziam as de amanhã. Isso aliás occorre nos seculos XVI, XVII, XVIII, XIX, e, quiçá, no XX, pois ainda agora se esclarecem e rectificam calculos supposta-mente verdadeiros.

Toscanelli, conselheiro e guia de Colombo, em 1474 occupava-se theoreticamente dos mesmos projectos do genovez. Dentro nesses planos aponta um caminho a percorrer no futuro descobridor da America: o do occidente. A “Antilha”, que segundo o calculo do cosmógrapho florentino, se encontrava a 250 leguas antes de chegar a Cipango (Japão), era o alvo.

Mystico, ás vezes delirante, tudo fazendo pelo catholicismo, o famoso navegador genovez escrevia ao rei Fernando e á rainha Izabel nestes termos: “Já disse que para a execução da empresa das Indias, não aproveitou razão, nem mathematica, nem mappa-mundi: apenas se cumpriu o que referiu Isaias: Nosso Redemptor disse que antes da consumação deste mundo se fará cumprir

tudo o que estava escripto pelos prophetas; o Evangelho deve ser predicado em toda a terra e a Cidade Santa tem de ser restituída á Igreja. Nosso Senhor quiz fazer um grande milagre com a minha viagem á India. Preciso é apressar o fim desta obra, lume que foi do Espirito Santo porque por meus calculos daqui até acabar o mundo só restam cento e cincoenta annos”.

Colombo escrevia isto da Jamaica a 7 de Julho de 1493. Percebe-se da sua carta que elle estava cumprindo um designio divino annunciado pelos prophetas; e, mais, que se achava na India. Porque é preciso notar, o seu objectivo marinho, a sua projecção pelo oceano não foi em busca desta ou daquella paragem, tão seguro se mostrava elle dos mares, mas sim de chegar ao Levante pelo Poente, isto é, attingir a região das especiarias, navegando ao rumo do sol.

Quando nas suas viagens esbarrou com as ilhas e depois com o continente, que lhe cortavam a rota, julgou ter chegado ao destino que as trombetas santas lhe annunciavam. Ao avistar, já na terceira viagem, a faixa continental da foz do Orenoco, julgou-se no Paraiso, reconhecendo ahi os dogmas da “Topographia Christã”, porque a terra, segundo seu “Diario”, estava mais proxima do Céu, sendo pois muito mais alta que a da Hespanha, como provava, não com a forma globular,

mas com a de pêra (Navarrete — “Viagens de Christovão Colombo”).

Além desse mysticismo de Colombo, a geographia da época era mythica, toda encantada, fabulosa, cheia de surpresas e maravilhas. A Atlantida e a Lemuria presidiam, num tom vago e mysterioso, os mappas mais positivos. Solon espalhará a noticia bebida no Egypto, de fonte sacerdotal, o mytho da Atlantida, que Platão copiára. Não se pode negar, diz Humboldt, a influencia de remotas opiniões geographicas no animo de Colombo. No entanto ninguem mais actuou na sua imaginação que Paulo Toscanelli, astrónomo, geometra, que, de Florença, acompanhava a parabola das descobertas ouvindo e lendo o que se dizia das expedições genovezas e venezianas, sem contar o que já vinha dos phenicios. As palavras do sabio florentino, continua Humboldt, encontram-se com ligeiras variantes no “Diario de Navegação” de Colombo”. Aquella phraseologia meio real e meio ficticia de Marco Polo, cujo livro consulto, de Cattay, Cipango, Grão Can, etc., fora versada pelo genovez.

Outra cousa que se nota, causando-nos certo espanto, é a maneira por que muitos individuos anonymos da época se transformavam em grandes capitães, indo de fornecedores de viandas a cosmógraphos, de commerciantes de pão e carnes em terra a notaveis navegadores. O maior exem-

plo é o de Americo Vespucio. Vendedor de estivas numa das praças de Castella, metamorphoseou-se, da noite para o dia, num mareante de tão alta envergadura que acabou usurpando os direitos de Colombo. O estreito que afinal veio a se chamar de Magalhães, affirmam os maledicentes deste seculo XX, já se achava assignalado no globo de Martin Behain, assim como o archipelago dos Açores. Naquelle tempo os medicos faziam o papel de physicos, de astrónomos; não só exerciam a medicina junto dos soberanos, como liam as borascas, os vendavaes, os cyclones nas estrellas. Dahi a fama de cosmógraphos obtida por muitos delles.

Quando se descobriu o Brasil, irmanada á carta de Pero Vaz de Caminha, seguiu outra epistola, attribuida a um certo mestre João. Esse mestre João não era outro senão o physico da capitanea, que lia o temporal no céu, e o rheumatismo na perna de Cabral. O imprevisto de Pigaffeta, quando chegou da primeira viagem de circumnavegação á ilha de Santiago de Cabo Verde e lá lhe disseram os portuguezes ser quinta-feira, emquanto a bordo seria quarta, representa o conhecimento cosmographico de então, pois ignorava-se que um navio andando para oeste, em torno do orbe, acabasse, no fim da viagem, ganhando 24 horas.

Se transportarmos esses exemplos, de varios pontos do globo para a Amazonia, o que se veri-

fica immediatamente é o mytho influenciando na geographia, e, sobretudo, na cosmographia. Na carta de Johannes Blaeu, de 1610, toda confusa e perturbada, apenas se percebe de real a multidão de ilhas, um archipelago anonymo, em cujo centro não se distingue, nem mesmo figuradamente, o farelhão de Marajó. A' grande insula se misturam, erradamente já se vê, muitas quasi do mesmo tamanho. O geógrapho se esqueceu ou teve receio de traçar a linha equinocial, que não figura no plano.

Entretanto o lago Parima, onde a lenda collocára o El-Dorado, já se mostra beirando as corcovas das cadeias de montanha, que são o espinhaço do Systema Guayanense. A fabula, como na cosmographia remota dos povos navegadores, desde a Idade Média aos tempos da Renascença, guia os traços cartographicos dos geógraphos destas paragens, preside-lhes mesmo a concepção de qualquer planta que façam.

O TUPÍ NA GEOGRAPHIA

As tribus marajoáras, incluindo mesmo aquellas que pareciam não ser aruãs na parte occidental da ilha e que habitavam Marajó sob o titulo generico de nheengahibas (más linguas, faladores, mexeriqueiros, como julgam alguns tupinólogos: lingua má, travada, difficil, dura de se apprender e falar, como julgam outros) tinham consciencia da sua situação geographica. Não somente sabiam que habitavam uma grande ilha, mas ainda na foz dum rio formidavel, desaguando no oceano. O nome indigena com que denominaram esse largo bloco de terra desarticulado do continente é um attestado flagrante do conhecimento. Marajó, na lingua tupí, corresponde a *mbará-ió*, que significa ilha tirada do mar e tambem tapa-mar, ou anteparo do mar. *Mbará*, propriamente, equivale a Pará, e traduz-se como rio caudaloso, igual ao mar (Theodoro Sampaio).

Por ahi se vê a propriedade da nomenclatura, e pois a consciencia do selvagem quando baptisou o antigo farelhão com o appellido que representa um facto real de corographia, ou, melhor, topographico. Antes, porém, de continuarmos a mostrar a originalidade, a coherencia tupí na geographia, é necessario, ao tratar de Marajó, que se evoque um pensamento interessante de João Lucio de Azevedo no seu magnifico tomo *Os Jesuitas no Grão-Pará*: "... a historia desta parte da terra brasilica (Pará) de modo nenhum se pode escrever sem a dos jesuitas". De accôrdo, se ampliarmos a idéa do saudoso escriptor para as demais ordens religiosas, visto como antes e depois dos frades da Sociedade de Jesus, aqui estiveram outros missionarios. Entretanto, por uma fatalidade, o primeiro catechista que por aqui andou, Luiz Figueira, irmão de Loyola, após ter subido o curso do Xingú, e antes mesmo que a Ordem se estabelecesse no Pará, foi morto em Marajó pelos aruãs, ficando logo o grande trecho insular ligado á chronica desses frades por um tragico episodio, que seria o inicio do drama desdobrado posteriormente naquelle palco do Novo Mundo.

O sacrificio do vanguardeiro da Ordem não deteve todavia a projecção da Companhia de Jesus nestas plagas. E tempos depois desembarcavam, vindos do Maranhão, os jesuitas Souto Maior e Gaspar Fragoso, que se obrigaram por escripto

e em virtude da celeuma já levantada contra esses padres, a não intervir no negocio referente a indios. Assignaram a convenção conscientes porém de que não a cumpririam. A affirmativa foi uma derivante lançada apenas para conseguir o fim visado, que era o radicamento da Companhia em Belém, e, depois, em todo o territorio paraense. Mal conseguiram o objectivo, voltaram-se para os selvícolas, gerando taes perturbações no espirito das massas, a ponto de somente se restabelecer a paz com a acção feroz de Pombal, chamando a communitade ao reino. Nem o genio de Vieira, nem a protecção dispensada á Ordem, e, muito menos, o cunho de civilização que elles, de facto, imprimiam ao aborigene, conseguiu harmonizar o interesse das partes que ambicionavam ter sob o seu dominio as cabildas paraenses.

E, debaixo dessa capa civilizadora, o que se pretendia realmente, dum lado e doutro, era escravizar o selvagem: os religiosos para as suas missões, os laicos para as suas roças; e este fermento levou a gente jesuita aos maiores azares. O rei portuguez, o papa, o mundo, em summa, ficou hostil aos religiosos que possuíam aquella formosa intelligencia de Vieira, diplomata dos melhores, orador extraordinario e escriptor dos mais perfectos daquelles e destes tempos. Quem lê hoje suas cartas, evidentemente traçadas sem a preocupação da publicidade, pois eram particulares e até intimas,

é que percebe, na distancia de dois seculos e meio, a organização maravilhosa daquelle espirito excepcional. Percebe e sente que a sua mentalidade, feita exclusivamente na Bahia, era mais nossa que portugueza. A sua intelligencia é mais brasileira que lusa. No seu escrever não se encontra o vocabulario exquisito dos classicos alheios da nossa terra e do nosso céu. Ha, em Vieira, uma ambientia americana onde se illuminou o florão verbal da mais linda, simples e cantante prosa brasileira. No falar do grande jesuita tudo é claro como o sol do continente colombiano.

SABIO CONTRA SABIO

A respeito de qualquer motivo scientifico na Amazonia, e muito possivelmente pelo mundo a fóra, os sabios divergem. E' commum encontrar-se um naturalista, a proposito de assumptos interessantes, de idéas contrarias a este ou aquelle collega. Alguns combatem apenas pontos de vista; muitos negam theorias, doutrinas, problemas, emfim, baseados em estudos graves e complexos. Succede ainda, para melhor se avaliar a duplicidade, que varios especialistas dizem uma cousa hoje e negam-na, reformam-na ou alteram-na amanhã. E quanto mais alto é o pennacho scientifico do pesquisador maior é ainda a possibilidade delle affirmar agora cousas differentes das que dissera.

Leia-se por exemplo, o que escreveu James Orton sobre a geologia amazonica: "a mais monotona que era possivel imaginar". Escute agora o que disse Orville A. Derby dessa mesma geologia: "tão movimentada e differente nas tres secções

do baixo, do medio e do alto, que chega a exceder a propria denominação de Maranhão, Solimões e Amazonas". A realidade, segundo o exame actual no panno tellurico da planicie, é que a estructura geologica, de leste a oeste, reponta cheia de variedades, colorida, muito mais complicada que a propria nomenclatura geopolitica. O trecho baptisado por Maranhão é uma terra, o conhecido por Solimões é outra terra, o chrisnado por Amazonas ainda é outra terra.

O que se vae descobrindo nos montes e nas baixadas, na pedra e na areia, no menhir e no "dolman" reforma por completo a theoria, a doutrina, a visada e até o sonho entrevisto. Porque os sabios tambem sonham, e com que ronco, meu Deus! Da-hi a marcha constante dos conhecimentos, das novas revelações, das descobertas nas grutas, nos páramos, nas encostas, nos abysmos. Os fósseis têm concorrido na materia para uma verdadeira revolução geognóstica. Cada dente, escama, unha, chifre, osso, coral achado nas dobras do chão, representa um deslumbramento paleontologico para o analysta dos refolhos das anticlinaes e sinclinaes. Abrem-se, então, com essas descobertas, horizontes novos sobre a geographia physica, alterada por documentos irrefutaveis, que desenham não somente a physionomia pre-historica da gleba, mas, o que é tudo: quem vivia nella, as arvores que a povoavam, as aguas que a regavam,

Na volta de pouco mais de meio seculo passado Chandless declarava "urbi et orbe" a impossibilidade de se averiguar a razão por que as aguas eram "brancas, pretas e verdes". Volvem-se algumas dezenas de annos sobre aquella especie de queixa, de lamento scientifico, e verifica-se na descriptiva de muitos sabios que o segredo se desencantou, o enigma se decifrou. Isto sem alarde, sem pose, sem barulho. De analyse em analyse, de observação em observação, de experiencia em experiencia chegaram á conclusão os homens de sciencia que a agua "branca" (turva, barrenta, carregada de sedimento), provinha da argilla, alluvião mineral; que a agua "preta" se originava do detricto das plantas, materia humica, florola de terreno mais duro, melhor consolidado já; e que a agua "verde" era decorrente do "plancton" fluvial, clamyde imperceptivel, véu quasi divino á flôr dagua e onde vivem não só os vegetaes pequeninos, algo invisiveis, como tambem os animaes microscopicos, infusorios, alguns phosphorescentes — todos porém coloridos de forma a dar aquelle tom esverdeado a certos rios, principalmente na agua quasi morta da foz.

Emquanto Luiz Agassiz concebe a theoria do periodo glacial no Equador, criando o "drift" imaginario afim de justifical-a, James Orton, annos depois, empunhando uma fiada de conchas encontrada no Solimões, barranca de Pébas, combate

essa doutrina, sendo logo apoiado no mundo scientifico por Darwin e Haeckel.

A atrevida concepção do sabio suiso, depois de examinada por um grupo de alumnos do proprio inventor da these, vindos especialmente da America do Norte, cae em definitivo por terra. E não se levantou jamais.

La Condamine se declara pela existencia das icamiabas, mulheres sem marido na Amazonia, encampando a linda caraminhola de Orellana, que se disse guerreado por ellas na foz do Nhamundá — ao passo que quasi todos os ethnógraphos que andaram por aqui negam a fantasia, tambem adoptada aliás por sir Walter Raleigh, que esteve no Orenoco, donde levou o romance para a côrte ingleza. Nos serões da rainha Izabel, de quem o famoso explorador foi favorito, o drama das indias guerreiras ganhava tons de existencia.

Frederico Hartt affirmou que o estuario amazonico tem a forma funicular, emquanto Wappeaus affirma ter a forma dum sacco; este mesmo ecólogo allemão acha que a planicie equatorial tem o feitio dum frasco florentino, quando o geólogo “yankee” Marbut julga-a parecida a um leque.

Martius classificou scientificamente o assahy do Pará, que vive em touças, amante das beiradas batidas de sol, de “euterpe oleracea”. Barbosa Rodrigues contestou, dizendo que essa ordem de pal-

meira pertencia ao alto Amazonas. Os botânicos, em geral, ficaram com a opinião do naturalista bavarro.

Orville A. Derby refere ter observado perto da embocadura do rio Arary, no farelhão marajoára, restos duma hyléa que actualmente se acha sob as aguas do lago do mesmo nome, facto quasi identico ao divulgado por Agassiz, de uma floresta submersa, envolvida em turfa, que ia do Igarapé Grande (Soure) aos arredores da Vigia, atravessando pois a larga bahia de Marajó (antigamente Separará). Entretanto Friedrich Katzer, o eminente geólogo que escreveu um dos maiores trabalhos sobre a terra do Pará, contesta o phenomeno.

Ameghino, archeólogo, anthropólogo, paleontólogo, filho da Argentina, estudando as raças do continente americano, declarou que o berço da humanidade era o pampa platino, opinião negada por quasi todos os sabios modernos, a principiar por Ehrenreich e a terminar por Emilio Goeldi. As referencias de Pedro Lund, a respeito dos esqueletos encontrados na zona da lagoa Santa, Minas, que poderiam trazer probabilidades á theoria do typo autochtone no Brasil, foram contestadas por eminentes archeólogos. Não negaram, é facto, uma rara antiguidade (3.000 annos) a estes despojos, já petrificados e metallizados, sem no entanto con-

cordar jamais com o homem originario da America.

Para não sahir da bitola deste trabalho, enumerando novos exemplos de sabio contra sabio, terminamos registando apenas dois exemplos de geólogo e geógrapho que reformam as próprias opiniões. Hartt, quando examinou pela primeira vez os sambaquís paraenses, que são, como é sabido, collinas de conchiferos bivalvos e univalvos, declarou que o phenomeno seria espontaneo, e decorria da onda do rio ou do mar, que jogava na praia a carapaça do mollusco morto. De volta porém á Amazonia, e após melhor exame, disse então a verdade, isto é, que o sambaqui representava o despojo da cozinha do indio. Henrique Santa Rosa, a maior figura de geógrapho paraense, no seu mappa do Estado do Pará chama ao rio Guamá, que banha Belém por trás, de rio Guajará.

Já no seu grande livro todavia, "*Historia do Rio Amazonas*", o illustre engenheiro corrige o erro, deixando explicito que Guajará é a bahia formada pelo Guamá, Mojú, Acará, Capim e em cuja borda demora a metropole paraense.

Isto tudo resulta dum indice: o sabio hesita, porque tudo lhe advem da demorada pratica. A sua radiosa sciencia que se vae tornando infallivel nos momentos que correm, provém do empirismo. A astronomia assenta na astrologia, a chimi-

ca na alchimia, a medicina na pagelança. Sem o Centauro Chiron não teria havido Esculapio, nem Ambrosio Paré, nem Hippocrates e muito menos os grandes chimicos e cirurgiões destes dias.



XI

DA CASA DAS CANÔAS AO ARSENAL
DE MARINHA

O indice mais claro do labyrintho fluvial que nos rodeia teria sido o curioso departamento que ha cêrca de duzentos annos existiu em Belém: a Casa das Canôas. Esse estabelecimento, mixto de pequeno estaleiro e almoxarifado, ainda era uma especie de estação de caminho de ferro donde partiam e chegavam igarités, ubás, montarias, botes, escaleres, galeotas, barcos, batelões, tudo emfim que coubesse dentro do nome generico de canôa. Era lá que os remeiros descansavam, que os pilotos se refaziam, que os mestres se renovavam, que as velas se remendavam, que os cascos se calafetavam. Mastros, lemes, quilhas, falcas, passavam alli, numa revista technica, por um exame perquirente. Da mesma fórmula os ferros, as amarras, as patescas, os ancorotes, os cabos, as linhas.

Para que o homem dagora tenha um sentido aproximado das duas eras, nada mais é preciso

que comparar as embarcações e os pontos em que ellas atracavam. Naquelles idos o contorno ribeirinho de Belém apparecia debruado por uma faixa de lama cinzento-pardo que se descobria na maré baixa, e sobre a qual se levantaram varios trapiches destinados ao embarque e desembarque das mercadorias.

A indicação do ponto em que se construiu o estabelecimento aquatico, obra da visão penetrante dos lusiadas, vem referida pelos historiadores de cem annos passados, que se abeberavam na fonte da correspondencia dos governadores do tempo com a metropole, parte da qual se acha estampada nos *Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará*. Do 4.º volume dessa collectanea resalta o seguinte documento: “Senhor. Pela representação inclusa feita pelo Ajudante das Fortificações e obras reaes desta cidade Desiderio de Lages Correa constará a V. Magestade a grande ruina a que se acham reduzidas as duas casas das canôas que V. Magestade foy servido mandar fazer para o bom commodo dellas, e de todos os mais petrexos pertencentes a esta administração supposta pois esta notoria necessidade e o grande prejuizo que se segue a Real Fazenda de V. Magestade desta falta me parecia justo que V. Magestade mandasse reduzir as duas casas de canôas a huã só de mayor grandeza e que tivesse algum armazen sufficiente para nelle se arrecadarem as ferramentas, cabos e

cordas, e o mais que declara o dito Ajudante na mesma representação, cuja obra se poderá concluir sem muito custo porque os mesmos materiaes de que se compõem as duas casas arruinadas me parece serão bastantes com pouca differença para a nova Fabrica. V. Magestade mandará o que for servido. Pará, 17 de Agosto de 1755”.

Conforme se verifica deste memorial, os estabelecimentos destinados ás canôas iam em plena decadencia naquelle anno da graça de 1755. Naturalmente os caminhos por terra principiavam a se prolongar e a se fazer sentir, diminuindo o influxo e a irradiação do transporte miudo, a remo ou a vela. Por esta nota de Baena, inserta no seu *Ensaio Chorographico sobre a Provincia do Pará*, livro vindo á luz em 1839, tem-se a origem do modesto departamento. Leiamol-a: “Os Armazens de Marinha, são umas casas de um pavimento e Telleiros feitos de boas madeiras de chão e do ar, que mandou erigir á borda do mar em 1729 o Governador Alexandre de Souza Freire defronte do Palacio de sua residencia, denominando Casa das Canôas, e designando repartimentos necessarios, dos quaes uns erão para o concheço dos Indianos remeiros, outros para Armazens de munichoens navaes, e o resto servia para a construcção e guarda das canôas. Deu-se a esta Casa das Canôas um Patrão-mór com 120\$000 réis por anno e um Aju-

dante, que tambem o era das Fortificações, com 46\$800 réis annuaes”.

Percebe-se por este synthetico relato e pelo officio a S. Magestade atrás citado, que os costumes se modificavam. O trafego aquatico ia deixando de ser, ao redor da cidade, uma coisa imprescindivel á vida como já fôra, embora a topographia permanecesse quasi inalteravel. E' que a floresta se rompia, abriam-se caminhos na matta, as estradas torcicolantes pela selva a dentro conquistavam os passageiros da montaria e da igrarité. A necessidade imperiosa da Casa das Canôas, á proporção que o progresso se alastrava pela hinterlandia, atalhando a pé enxuto rodeios enormes criados pela agua, apagava-se insensivelmente. E com a necessidade extinguiam-se tambem alguns aspectos physicos. Creio mesmo que o Ver-o-peso, aberto antes das actuaes obras do porto de Belém, teria sido uma derivante da Casa das Canôas. Construido já debaixo de moldes mais modernos, o abrigo em fóco trouxe, nas suas linhas geraes, o sentido marinho da defesa á onda bravia do largo. Valeu por um signal da gente navegadora da Peninsula, afeita, nas viagens pelo mundo a fóra, a ver os quebra-mares, os refugios das naves, os meios em summa por que o homem defende da furia do vagalhão os seus transportes.

Aquelle quadrilatero embutido na fimbria litoranea, onde o tijuco circumdante da *urbs* era um

factor de atraso irremovível, denunciava a nova perspectiva do contorno ribeirinho, apesar da influencia perenne da vasa e da alluvião. E aqui é preciso que se rememore, numa alta homenagem de sympathia, o monógrapho benedictino dos tijucos paraenses, Frederico Katzer, geólogo dos maiores que nestas plagas se perderam e melhor estudaram o sedimento transportado pela agua. Trabalho magistral, traduzido do allemão pelo monge Hugo Mense, vem estampado no 9.º volume do *Boletim do Museu Paraense*.

Mas esta outra nota de Baena, publicada ainda no seu livro acima referido, mostra claramente que a reclamação do peticionario de 1755 não teve provimento porque em 1761, seis annos depois, a Casa das Canôas era transformada em Arsenal de Marinha, em cujos estaleiros, até 1821, se construíram uma náu de 74 peças, cinco fragatas de 44 peças, quatro charrúas, quatro brigues e doze chalupas artilhadas. No anno posterior, de 1826, teve inicio a construcção demorada de uma nova fragata que se veio armando até os primeiros dias da Independencia, vaso que eu julgo ser o *Imperatriz Leopoldina*, levado para o Rio e lá incorporado á Armada Imperial pelo Capitão-Tenente Greenfell, o grande marujo que, sob as ordens do almirante Cochrane, serviu o Brasil nas luctas da nossa liberdade politica.

Reavivando estas notas interessantes sobre costumes dos tempos coloniaes, evoca-se, do mesmo passo, a silhueta geographica dos lindes da cidade fundada ás bordas da bahia do Guajará. A muralha de cimento armado que, em parte, occulta hoje a meia lua de lama estendida entre Castello e Val-de-Cães, é uma decorrençia da riqueza da terra. O oleo, o balsamo, a cannela, a quina, o cravo, a salsaparrilha, a resina, a madeira, em primeiro logar; o cacau, a borracha, a castanha, as pelles silvestres, em segundo, representam, num esplendor de solo afortunado, a razão da mudança que se opéra, o motivo da nova mascara do porto. Assim, a Casa das Canôas foi um symbolo da civilização no momento. Nelle se continham o typo do navegante, o typo da embarcação, o typo do chefe do Estado e o typo do mercador. Referindo-o na distancia de 200 annos, depois dos nossos anceios á sombra do pavilhão nacional, é abrir uma pagina de historia paraense e deixar que o sol a illumine em toda a sua plenitude.

A Casa das Canôas, cuja situação os chorógraphos mal positivam no litoral, vem assignalada com rara precisão num panorama da cidade visto do largo. Eis a legenda que copio fielmente: "PROSPECTO DO NORTE DA CIDADE DE BELÉM DO GRAM PARÁ. Tirada por Ordem de S. Excia. o Sr. DON FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO, Capitão General e Governador."

dor do mesmo Estado. Em o Anno MDCCLIII. Explicação (do norte para o sul). 1. Convento de Santo Antonio. 2. Convento de Nossa Senhora das Mercês. 3. O forte das Mercês. 4. Casa do Ex. Sr. Bispo. 5. A Cadeya. 6. Casa das Canôas. 7. Pallacio do Exm. Sr. General. 8. Alfandiga. 9. Collegio dos Padres da Companhia. 10. Castello do Santo Christo. 11. A Sec. 12. Convento do Carmo”.

Erguida sobre espeques fincados no tijuco, verdadeiras palafitas, a Casa das Canôas lembrava habitações lacustres de povos europeus.

GOETHE, NETO DO ADIVINHO

Fechou-se a 22 de março de 1933 o 1.º seculo após a morte do homem que, tendo um sol na cabeça, pedia luz, mais luz no mesmo momento em que sua alma perturbada na agonia de romper o involucro terreno se alava, numa alleluia espiritual, ás mansões azues do infinito. Era natural, pois, que a humanidade celebrasse o dia gravando-o na memoria dos coevos. E gravou-o admiravelmente.

Naquelle ponto do Planeta em que exista um jornal, esse jornal disse alguma cousa, falou do grande Iniciado, da sua patria, do seu povo, da sua musa, do seu genio. Foi uma apothese, mais irradiante e mais triumphal que a coroação dos reis e a sagração dos heroes.

João Wolfgang Gøethe, o maior poeta da Alemanha, veiu ao mundo precisamente ao meio dia de 28 de Agosto de 1749, em Francfort. Além de a pino, o sol estava tambem no signo de Virgo,

custando ao recém-nascido abrir os olhos para ver essa atmosphaera radiosa. Ao morrer em Weimar, clamava por aquelle clarão em que vagira e abro-lhára.

Encerrando o cyclo do 1.º centenario, o seu perfil quasi lendario reponta mais forte, mais humano, mais vivo e eloquente sobre a terra. Figura de contornos lyricos, na juventude, quando estalou a guerra dos sete annos e Frederico, o Grande, invadiu a Saxonia, accentua-se agora em tintas positivas, como se a gloria, para collocal-o na galeria dos escolhidos do Senhor, tivesse necessidade de côres realistas indeleveis. Filho e neto de burguezes, a mãe possuia imaginação, o pae perpendicularidade. Um dos seus avós adivinhava, sendo considerado, pela familia, meio propheta e meio augure, qualidade que transmittia, nos serões domesticos, aos presentes. Herdára, assim, o grande bardo da Germania, tres attributos extraordinarios: a phantasia materna, generosa e delicada; o sentimento vertical do pae, honrado e grave; e a acuidade miraculosa do avô, que via, no cosmorama agitado da Natureza, para além de amanhã, as mutações do porvir.

Feitas as primeiras letras na terra natal, transportou-se Goethe em seguida para Leipzig, afim de estudar na Universidade. Dahi, a sua projecção foi impressionante. Lendo os classicos, vasculhando a sciencia, estudando as linguas mortas, apprenden-

do musica, ensaiando a pintura, montando, esgrimindo, prosando, philosophando, versejando, namorando, viajou por todas as provincias do pensamento do seculo em que viveu. Da sua primeira grande obra, *Goetz de Berlichingen*, drama em cinco actos, escripto na volta dos 24 annos, ao derradeiro dos seus trabalhos, que foi o *compterendu* que estabeleceu larga discussão entre Couvier e Saint-Hilaire, vae uma festa de intelligencia creadora, impossivel de enquadrar nesta nota de publicista.

Suas *Memorias* demarcam-lhe as etapas; transmittem as singularidades daquella existencia harmoniosa; descobrem as ondulações dum espirito privilegiado; desnudam os caracteres symbolicos gravados no seu peplum de romantico e de sabio; rompem, emfim, numa ascensão solar, o casulo do genio. Não houve aspecto artistico, literario, scientifico, historico, psychologico, na prosa e no verso, que elle não abordasse do nivel superior de quem vê o panorama do alto, generalizando o que alguns particularisam e particularizando o que alguns generalisam.

Chorando no *Werther* e rindo no *Fausto*, a sua imaginação commummente se integra nos incendios brancos e nos glaciaes rubros. Ha uma serenidade de eterna manhã de primavera nas produções de Goethe, a ponto do mormaço do Equador distender-se-lhe sob o céu frio dos polos, trazendo

um equilibrio prismatico ás suas visadas. Enxergava tudo com os olhos do predestinado. O vermelho Mephistopheles, que porventura concebia, cavalgava a alvacenta montada de S. Jorge. Qualquer cortezã do seu *bas-fond* tinha semelhanças com a vestal do seu paganismo.

A febre que lhe queimava o sangue era algida e o paradoxo rosado. Para se propagar, para se revelar, para se mostrar concentrava-se, alheia-se, escondia-se. Foi naturalista com o fito de melhor fantasiar sobre os astros. Jornadeou na terra como S. Thiago na Via-Lactea. Ha certa cousa de sagrado nos seus peccados e certa cousa de mysterio nas suas revelações. Nota-se-lhe, de vez em quando, mais poesia na prosa e mais prosaismo nas estrophes. Das retortas chimericas de sua alchimia só appareciam imaginarios metaes doces e brandos.

Imprevisto na concepção, a sua analyse sem rumor ia ao mollusco, ao coral, á cellula, ao atomo. No tombar de Schiler, a dôr lhe transformou as lagrimas em tinta para concluir o drama *Demetrio*, que o infortunado amigo iniciára. Inviolavel como os mythos, de horizontes sem fim, elle vae da metamorphose das plantas á anatomia comparada. Desfolha a rosa e disseca o cadaver ouvindo o cantico duma ronda de anjos. Do problema physico chega ao problema optico. Do systema de Newton passa-se á theoria das côres.

Em cada assumpto que fére, como da vara bíblica de Moysés, jorra uma fonte. Mas não precisa de Sinai, nem de trovões, nem de coriscos para gravar a lei nas suas tabuas maravilhosas e multipharias. Se o drama *Cavalgada das Walkyrias*, de Wagner, fosse seu, essa primeira parte theatral do *Anel de Nibelung*, em vez de a galope, iria a passo, na mansuetude silvana de nymphas que deixassem atraz de si os amantes. Seu estylo, chromatico e florido, guardava a esthetica decorativa dos emotivos, que não podem offerecer o vinho das idéas senão pela taça de crystal cinzelada de arabescos.

Neto dum adivinho manso, que não fazia barulho e mal avisava os parentes ao entrever as mortes e os desastres que iriam succeder — recebeu esse condão hereditario, terrivel e perfurante, para as vigalias que surprehendem e desvendam, nas allucinações estaticas, os enigmas do Universo. Tinha lampejos de relampago, e, em vez de adivinhar como o avô, mortes e desastres, adivinhava os probelmas da vida, os electrões, a velocidade da luz, os raios X, o radio, a televisão, o aeroplano, o submarino e as novas configurações geographicas do mundo.

Sua alma ao subir ao céu, no dia em que se lhe tombou o corpo na terra, teve seguramente a companhia de Dante e Shakespeare, eleitos pelo

Creador para formarem com elle a mais linda tria-
de de menestreis abeberados nos poemas de Ho-
mero...

UM ILLUMINURISTA DAS SCIENCIAS
NATURAES

Dos sabios estrangeiros que andaram na Amazonia destaca-se Emilio Goeldi por um traço fundamental da sua intelligencia: a synthese. Num balanço que porventura se lhe dê na obra, colorida e sadia, resalta essa qualidade, notavel e rara na familia dos naturalistas, sempre inclinada á prolixidade, á redundancia, ao excesso de pormenores. Quem lê Emilio Goeldi tem a impressão de estar lendo um artista da historia natural, cuja face mais relevante é dar, atravez de compacta e pesada materia, um friso luminoso da verdade, um resumo claro de tudo.

Dahi o titulo de illuminurista das sciencias naturaes que tão bem lhe assenta. Zoólogo dos mais identificados com as provincias faunisticas da planicie amazonica, a ornithologia e a entomologia mereceram-lhe atenções especiaes. A descriptiva sobria, que o integraliza aliás com este se-

culo XX, que é o seculo da Synthese, substituto do seculo da Analyse, imprime-lhe uma curiosa característica aos trabalhos complexos porém sumarios.

As suas apreciações sobre mammiferos, sobre reptis e amphibios, sobre formigas, sobre myriápodos (embuás e centopeias), sobre ciganas, sobre *lepidosiren paradoxa*, sobre o rato de Natterer, sobre chelonios do Brasil, sobre migrações de borboletas, sobre mosquitos e até sobre aves (não incluimos pela abundancia, as illustrações), para não citar mais, dariam, cada uma, um livro, como fez Maeterlinck com as formigas, com as térmitas, com as abelhas.

Mas Emilio Goeldi era profundamente avêso ás demasias, aos desbordamentos, ao repetir exhaustivo da maioria dos homens de sciencia; e gastava apenas meia duzia de paginas, quando muito uma memoria, na exposição dos aspectos zoológicos. Agarrava um animal qualquer, revirava-o de encontro á luz, examinava-lhe as asas, o bico, as escamas, o couro, as patas, o rabo, as barbatanas, e, com dois riscos magistraes, fixava-lhe o perfil, a vida, os processos de amar, de procrear e de evoluir. Fazia tudo isso num quadrinho, numa aguarella, numa illuminura de missal. Nas curvas e nos angulos da sua allegoria verbal repontam o ninho e o ovo, a morte e os despojos do bicho descripto. As doze paginas estampadas nos

Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil, de Capistrano de Abreu, e a pedido deste, equivalem a um grosso volume sobre a natureza brasilica, suas terras, seus montes, suas costas, suas dunas, seus homens e costumes. E' um lindo panorama, largo e azul, esculpido numa reduzida moeda de ouro. Reforça-lhe ainda o espirito summario, a perfeição da lingua, se a compararmos á de outros sabios estrangeiros, como John Branner, por exemplo, que até fez uma grammatica do nosso idioma para melhor penetrar os segredos da natureza desta parte da America do Sul.

As syntheses de Emilio Goeldi nos fazem reflectir, pela pressão verbal com que diminuiam o tamanho das narrativas, neste phenomeno contado por Wheeler e referido numa pagina de Mauricio Maetelinck: Em "certas estrellas chamadas *Anãs Brancas*, particularmente no mysterioso satellite de Sirius, um litro dagua, se a agua alli pudesse permanecer no estado liquido, pesaria cinquenta kilogrammas".

Assim são as descriptivas de Emilio Goeldi. Cada linha sua vale, no mesmo assumpto, por cinquenta de outro qualquer naturalista adventicio, de tal modo condensa o relato na precisão do vocabulo, na justeza da phrase, no contorno da imagem. O verbalismo exhaustivo, que tanto dilue, bambeia e agúa o ensaio, a prelecção, a conferencia, o estudo, o livro, em summa, de outros sabios,

não existe na formula expositiva de Emilio Goeldi. Seu pensamento, esplanando qualquer aspecto biologico ou psychologico, evita os desvios fatigantes da escripta. Fere de frente os problemas, dando ao leitor um transumpto que exprime a realidade e não é menos substancial que os gordos volumes alheios. Disso resulta ser talvez Emilio Goeldi o mais lido dos escriptores scientificos per-lustrantes da Amazonia.

Classificando-o de illuminurista das sciencias naturaes, faço o maior elogio que se póde fazer a um estrangeiro que lucha não só com a variedade de termos, com a semantica dos vocabulos, como ainda e sobretudo com os segredos da lingua portugueza, flexivel, plástica, sonora e bella, mas cheia de imprevistos mysterios para quem não a ouviu desde ó berço.

A SONDA ACUSTICA

E' remota a curiosidade humana a respeito do fundo dos mares, dos rios e dos lagos. Vem dos primeiros navegadores, quando mal se arriscavam ainda ás fimbrias litoraneas. A vara foi, sem duvida, a sonda inicial. Depois o homem ideou o prumo, que se compunha duma linha (sondaresa) marcada em pés no primeiro espaço e em braças nos demais. Carregava o singelo aparelho na extremidade um cone de chumbo aberto na parte de baixo, onde se introduzia a cêra ou o sebo afim de trazer ahi adherida a materia constituinte do alveo — areia, cascalho, tijuco, tabatinga, barro.

As sondagens, já em embarcações de alto bordo, cobertas de vela, obrigavam o navio a ferrar o panno, a diminuir a marcha, a atravessar mesmo. Em trechos rasos, o marujo balançava na amurada o prumo junto da ponte de commando, que, inicialmente, fôra a ré e agora é a meia-nau. Ia então cantando a profundidade: dez braças! duas, uma.

Isso, no entanto, não correspondia ás necessidades. Conceberam-se instrumentos como o prumo de córte. Surgiram os de Brooke, Hydra, Fitz-Gerald, Bull-Dog e os de Truman Hotchkiss, Konci-cky e Proença, este invenção do 1.º tenente João Justino Proença. Tambem Dupetit-Thouars, Ross, Durmonth Durville, architectaram sondas. A chamada papagaio foi muito curiosa; consistia num escudo de madeira de quatro faces ajustado a peitoral de arame, preso a um fio de aço, cujo chicote se prendia á popa da embarcação. O effeito que o vento exerce obliquamente no papagaio empinado pelas crianças, exercia a agua no aparelho em questão, obrigando-o, pela velocidade do vapor, a mergulhar a determinada profundidade, que, atingida, desengatava o peitoral; o papagaio subia então á tona e agitava uma campainha, aviso á gente de quarto á bordo.

A sciencia experimental, todavia, não parava, e, fundada na velocidade do som da agua, começou a examinar a vibração sonora atravez das massas liquidas, surgindo assim a sonda acustica, instrumento muito mais perfeito que o bathymetro de Simens.

Quando o *Artabro*, da expedição Iglesias, cahiu nagua na Hespanha, tive occasião de ler a descripção da sonda supersonica (Atlas Werke) que esse barco traz a bordo. Faz por *segundo* de 7 a 15 sondagens. Commentando-se aqui, em rodas mari-

timas, as sondas acusticas de dois paquetes da importante empresa britannica Booth-Line & Comp., solicitei ao seu distincto gerente em Belém, sr. Athualpa Purell, que tambem é um dos mais finos chronistas da imprensa paraense, permissão para ver o apparelho do *Hilary*, então no porto.

Um pequeno machinismo encerrado num tanque d'agua, aliás sem contacto directo com aquella em que o paquete navega, envia o ruido ao alveo; outro machinismo recebe o éco e regista a altura da onda sonora numa fita de papel iodado, pouco mais estreita de palmo, na qual o relêvo bathymetrico se grava de perfil na proporção de *noventa e seis* sondagens por minuto. Todos os movimentos do terreno sobre o qual se movem as toalhas fluviaes ou marinhas são annotados, quasi mathematicamente, ahi, dando a impressão dum *film*. Depois que se examina essa fita de papel acode-nos á lembrança o aspecto porventura descortinado dos nossos rios quando lhes observamos de bordo os taludes marginaes. O relêvo tellurico do beijo do barranco é o mesmo do surprehendido na tira de papel.

Quem já verificou o effeito da erosão alpestre produzido pelo vento e pela chuva, pela humidade e pelo calor, como por exemplo na serra do Ererê (veja-se a reproducção de taes aspectos no IX volume do *Boletim do Museu Paraense*, trabalho do geólogo Friedrich Katzer, traducção do

monge Hugo Mense), julga descortinar o mesmo phenomeno no leito do Amazonas. Os castellos, os plinthos, as torres, os minarettes, as escadas, os balaustres, as cupulas, recortados nos páramos por effeitos erosivos, resurgem no thalvegue amazonico por effeito das correntes. O que os aliseos e as chuvas fazem á face do planeta, gastando a pedra e dando-lhe as mais curiosas figuras, a ponto de emprestar aspectos de ruinas, como succede ás Sete Cidades de Piracurúca, no Piauhy, incluídas hoje na lenda da Atlantida — fazem as correntes no fundo do Amazonas.

As surpresas que as sondas acusticas, usadas aliás pelo mundo afóra ha mais de um lustro, andam espalhando no meio da praticagem fluvial, são das mais altas e vivas. Basta dizer que ellas acabam de quebrar o padrão das maiores profundidades no Amazonas. Obidos e Parintins, referidos nas geographias como logares mais fundos, desencantaram-se e cederam a prioridade a outras paragens, como a enseada do Cararaucú, a ponta do Remanso e o meio-rio fronteiro á serra da Velha Pobre.

Na extrema occidental da bahia de Marajó, região do Capim e Palheta, limite com as zonas do Tocantins e rio Pará, este ligando os canaes de Breves — é sensacional o alveo pelos resaltos de pedra ahi observados. Ha logares, remarcados pela crista da vaga, apenas com o fundo sufficiente

para que um transatlantico não encalhe na baixamar. Pouco adiante, rumo dos Estreitos, eleva-se do leito uma torre ameaçando a quilha dos navios; mais além, pyramides, agulhas, plinthos trabalhados pela agua. No seio duma curva, no curso dos Macacos, ergue-se um obelisco, certamente de grés ferruginoso, que é a rocha encontrada pelos geólogos no delta. Todo o scenario do fundo parece provir da pintura dum genio amalucado, que criasse no leito da bacia hydrographica o panorama mais original.

Ao confluir o rio Negro no Amazonas, ponto em que este passa a se chamar Solimões, patria do rebojo, reino do remanso, onde os caudaes *branco* e *preto* se repellem — alteia-se uma theoria de agulhas de pedra, por cima de cujos picos passam os navios galeando, adernando, guinando.

Tapanã, perto do Pinheiro, affirmava-me o sr. Athaulpa Purcell, lembra no thalvegue as ruinas dum castello feudal. Era, pois, ao se descortinar o relêvo bathymetrico da Amazonia, um verdadeiro deslumbramento. Dir-se-ia uma lente voltada para baixo, espiando o pelago, sem deixar de surprehender o menor accidente. As futuras cartas do Amazonas, com esse processo de entrever o canal, vão exprimir a perfectibilidade. A' flôr dagua todo o segredo do abysmo liquido se quebra com a sonda acustica; todo o mysterio de Neptuno e de Amphitrite, nas suas grutas de pedra, nos seus pa-

lacios de coral, nos seus terraços basalticos é desvendado por uma pequena machina que o homem do seculo XX, insatisfeito com o que já viu acima da vaga, inventou para ver por baixo.

O aparelho, no entanto, obra de H. Huges & Son Lmtd., London, por muito que registe do fundo amazonico, não substitue o pratico. Porque a navegação, no nosso mediterraneo, é toda feita pela terra. De bordo, só quem sabe precisamente onde está o navio é elle, que conhece a costa em que navega, pelas pontas, pelas reentrancias, pelas clareiras, pela copa das arvores flanqueadoras das amuradas. O rumo da travessia é tirado pelo contorno ribeirinho, ás vezes por duas ilhas que abrem ou fecham o horizonte nas bahias. As singraduras de 24 horas representam pois um verdadeiro mataime de mil directrizes, embora oscillando nos mesmos quadrantes, com a prôa em baixo do sol poente, quando se vae para Manaus, ou com ella embaixo do sol nascente, quando se regressa para Belém.

Picotando sonoramente o fundo do labyrintho hydrographico afim de lhe revelar melhor as saliencias, a sonda acustica não presta largos serviços apenas á cartographia, mas á geologia tambem. Accentue-se ainda o seguinte: não haverá mais surpresas em materia de bancos e corôas de praias e restingas. As encalhações futuras não serão por ignorancia. Se as houver, têm que ser at-

tribuidas á illusão de optica, falsa perspectiva, erro visual no calculo da estima. Invenção da intelligencia destes dias, esse aparelho representa o olho cyclópico do homem devassando todos os recantos sombrios do fundo; é um lampejo sonoro perscrutando, como a lampada de Aladino, os mais perdidos e mysteriosos recessos aquaticos.

PARAISO DOS ENTOMOLOGISTAS

A Amazonia é o paraíso dos entomologistas, tantas são as qualidades de insectos que a habitam. Os sabios deslumbram-se com esse povo minuscuro de todas as côres e de todos os feitios. Não se conclua, no entanto, destas affirmativas, pela impossibilidade do homem ahi viver. Ha logares, sobretudo em certas quadras de Belém ou de Manaus, em que os mosquitos são raros, invisiveis mesmo em varios pontos enxutos. E' que a evolução prophylactica vae-se fazendo sentir de accôrdo com os processos modernos, simples e logicos. O mata-mosquito fiscaliza os quintaes, as calhas, os telhados, revirando latas, extinguindo poças, telando tanques, emquanto a engenharia sanitaria drena os charcos, limpa as valas, desobstrue os corregos, secca os pantanos, clareia e abre emfim as áreas palustres. Mal os poderes publicos se descuidam porém desta assistencia imprescindivel, o carapanã invade as residencias e impede qualquer

trabalho mental de estudo ou meditação á noite. E' como se fossemos transportados aos cursos famosos do mosquito no Alto-Amazonas, onde a praga tem o sentido flagellante da Biblia.

Os rios de agua preta, em geral, produzem menos carapanãs que os rios de agua branca, embora Wappaeus registre o contrario. A *anophelina*, transmissora do impaludismo, que só ao cahir da noite e ao romper do dia procura o sangue, seu principal alimento (tambem gosta do mel e fructos as-sucarados), faz concorrência á moroçoca, de grande ferrão, doloroso e tremendo e ao *culex fatigans*, cantador irritante, que transmite a filaria, alerta durante o tempo em que o sol não se faz ver. O *stegomyia fasciata*, vehiculo da febre amarella, quando ha fóco, é outra praga da bacia amazonica. Wappaeus, na sua *Geographia do Brasil*, englobou todos os mosquitos na formula generica de carapanã - *Culex amazonicus*, traduzindo assim a maneira geral do povo da planicie, que a todos os mosquitos chama carapanã.

Em alguns trechos da rede hydrographica, ao começo da vazante, até mesmo a bordo dos transatlanticos que trafegam no Rio-Mar. Uma arvore feia marca, nas beiradas aquaticas em que médra, o apparecimento dos mosquitos: é o tachizeiro. Vegetal entanguido, sem grande copa, suas flôres, parecidas ás hortencias, na coloração e no tamanho, transformam pela belleza as ribas amazonicas em

vastos jardins. Pois bem, mal se desfolha a derradeira flôr do tachizeiro, facto que importa ainda na subita parada da vazante, acaba o carapanã. As barracas, os barracões, que viviam defensivamente fechados durante a noite, abrem-se alegres. Os moradores vêm para o terreiro já então sem um mosquito.

O tachizeiro além de marcar o apparecimento e o desaparecimento dos culicideos, ainda é um reino de formiga. Da cópa á raiz, o insecto, que deu ou tomou o nome á planta, alli vive, tornando impossivel a subida de qualquer animal nesse especimen botanico.

Ainda ha, no entanto, no valle, uma outra arvore equivalente a um formigueiro: é a embaúba (cecropia), que reponta tambem na margem dos rios, sobretudo na convexa. Óca, chamada pelos indios de arvore da trombeta, é furada pela formiga na parte mais delgada do cerne e invadida. Os mirmecólogos affirmam que a natureza dispõe as cousas desse modo em defesa do proprio vegetal, que seria assaltado e sacrificado por outro genero de formiga mais destruidor e malefico se o que surgiu em primeiro logar já não estivesse providencialmente installado.

Quando chegam as periodicas alagações amazonicas, as formigas de fogo imprevisadamente sem terra em alguns pontos das varzeas, se congregam em bolas e ficam fluctuando presas ao galho, tron-

co ou ramo que se mantem fóra dagua. Nestas condições, o que os entomólogos observam, é que só no genero formiga, tanto faz olhar para o solo, como para o alto da selva, ou para a massa potamica, essa qualidade é abundante. Ha que ser um genio, pois, afim de ver tudo e de tudo falar na Amazonia a respeito de insectos. Os entomologistas são obrigados por isso a restringir seus estudos, especializando-se neste ou naquelle ramo.

Emilio Goeldi, além dum bello trabalho sobre mosquitos, examinou com viva attenção as borboletas, que, na época da postura, têm cyclos migratorios dentro dos proprios valles fluviaes em que vivem, subindo por uma banda do rio e descendo por outra. Wallace e Bates, em profundas observações, surprehenderam, atravez das borboletas, o mimetismo. Os dois sabios verificaram a simulada adaptação desses insectos ao solo e á selva, no fei-tio e na côr, de modo a se defenderem do inimigo pela rapida metamorphose. Porque a transformação nos animaes provém do terror. A' aproximação de um adversario provavel elle se apavora e se transfigura. Isto mesmo succede ao homem, que fica livido e sem pinga de sangue quando sente o perigo.

A abundancia das tucandeiras, jacinas, jaquiranaboias, cigarras, grilos, abelhas, térmitas, arrasta o nosso pensamento para a obra magistral de Felix de Azara, *Viagens pela America Meridio-*

nal, em cujas paginas sobre insectos no Paraguay e lindes de Matto-Grosso se registam minucias bem semelhantes ao que ocorre por aqui. Castelnau, apesar de famoso na materia entomologica, restringiu-se a examinar algumas especies apenas, tão vasto é o povo. O trabalho de Augusto Forel, escripto a pedido de Emilio Goeldi, serve sobretudo para revelar o mundo fantastico desses bichos no Brasil. As térmitas, formigas brancas da sciencia, e geralmente por nós conhecidas pelo nome de cupins, determinaram aquella observação de Humboldt, referente ao papel na Amazonia, onde, diz o sabio, não se encontra um documento manuscripto de mais de cincoenta annos.

Maeterlinck cita, n'*A Vida das Térmitas*, o seguinte caso: "Em 1840, um navio negreiro capturado e desmastreado, introduz em Jamestown, capital da ilha de Santa Helena, a *Eutermes Tenuis*, pequena térmita do Brasil com soldado nasicórneo ou de seringa que destroe parte da cidade...". O cupim antecedeu o homem na terra de muitos milhões de annos. Não resiste ao sol, sendo paradoxalmente, como é, das regiões equatoriaes. Mas, em materia de insectos, poucos logares no mundo levarão a palma a Amazonia, terra para elles privilegiada, tal o calor e a humidade. Dahi as especies mais curiosas e imprevistas. No assumpto arachnideo é extraordinario o numero de exemplares que fazem a seda para colher a victima, pa-

ra se defender, para morar, para atacar. As teias de aranha que chamam a atenção dos entomologistas no buraco dos paus, nos galhos, nas cavernas rochosas, equivalem a um verdadeiro turbilhão de animalculos.

O que eu desejo frisar, no vasio destas linhas, é a facilidade que os especialistas na materia encontram aqui, a proposito de insectos; isto de fórma a lhes parecer a Amazonia um verdadeiro paraíso. Só a respeitavel familia ichthyologica poderá talvez concorrer neste recanto do globo com a entomologica. Mas se Agassiz se espantou com os peixes, Forel não se espantou menos com os insectos. A cada passo se esbarra com as lagartas de fogo, com os tracuás, com os bichinhos emfim desconhecidos e que nos devoram o livro, a mesa, a casa e a vida se não reagirmos. A flôr é rara na Amazonia por causa da saúba, que destroe principalmente as roseiras, reduzindo numa noite a hastes nuas um jardim inteiro. O combate que o homem vem dando ao insecto nestas paragens ainda está longe de corresponder ás necessidades. Eis a razão por que os entomologistas encontram dentro de nossas casas, de nossos canteiros, de nossos campos ou de nossas florestas o seu Paraíso.



XVI

O CANAL

O canal a que me reporto nestas linhas é o phenomeno remarcado pelo fio mais profundo e largo duma passagem aquatica, trate-se de barra, bahia, lago, estuario, golfo, rada, porto ou caudal. Não me refiro portanto aos estreitos, aos furos, aos paranás, que muitos escriptores, dictionaristas e geógraphos chamam canaes, como *verbi gratia* o do Cassiquiare, o de Igarapé-Miry, os de Breves, no archipelago das Ilhas de Dentro, encravado entre o bloco insular de Marajó e o sul da bacia.

Porque a verdade é que o leito dum rio não é plano; o alveo duma bahia não regista o mesmo fundo; o thalvegue dum estuario tem varios relêvos. Só o exame bathymetrico da actualidade, por meio de sondas acusticas, algumas super-sonoras, consegue dar uma idéa das alternativas, dos movimentos, dos altos e baixos que existem no solo por onde deslisam as correntes.

Dito isto afim de esclarecer o assumpto que se vae ventilar, chamo a attenção dos leigos na materia para o caso especialissimo de hydrographia na rede interior de nossas aguas: o CANAL. Sendo a parte mais profunda dos alveos, é, em todas as regiões do globo, a mais propicia ao navegante, a que melhor ampara o marujo, auxilia a navegação, ajuda emfim a singradura nas derrotas fluviaes e marinhas.

Na Amazonia, no entanto, curioso paradoxo, o CANAL, por um desafio á razão, é um flagello. Flagello terrivel, visto como destroe a terra e empobrece o homem. Toda a angustia das gentes que vivem, desde os primeiros dias da descoberta, numa constante migração dentro do valle, mudando-se dum lado para outro, de baixo para cima e de cima para baixo — provém do CANAL. Balanceie-se, numa estatistica cyclópica, o contorno ribeirinho das varzeas e dos *firmes*, das ilhas e das peninsulas, e veja-se o drama tenebroso que traz o CANAL para a beirada quando elle a morde. Trechos immensos do litoral que se ampliava e florescia secularmente amparado nas praias, nos baixios, nas restingas — sossobram tocados pelo CANAL, que tem alguma cousa de perigoso e fatidico. E' um cataclysmo! Residencias sombreadas de pomares, fartas de hortas, coloridas de jardins, de terreiros alegres e convidativos, cheias de xerimbabos, findam a sua missão propiciatoria desde

que o CANAL dellas se aproxime. O talude é um indice. Assim que elle começa a ser roido, na borda dos rios ou no panno a pique dos igarapés, a desgraça vem perto. Depois o barranco derrete-se, escorrega e róla para o seio das aguas como que engulido pelo mysterio. Cacauaes enormes, de existencia maior de seculos, taes os da costa de baixo de Obidos, entre os quaes avultava o chamado Imperial, somem-se, no lapso de alguns annos, logo que o CANAL se acérca das terras em que elles medram. Ilhas innumeradas, povoadas e risornhas, nada soffreram enquanto o CANAL não lhes lambeu as orilhas. A do Muratuba, pouco acima da foz do Trombetas, constitue um dos melhores exemplos. Toda plantada de roças e arvores fructiferas, verdadeira allegoria da fecundidade tellurica na Amazonia, os caboclos, já meio civilizados que a povoavam, viram-se forçados a abandonal-a ao aproximar-se o perigoso devastador chamado CANAL. No tempo em que o phenomeno andára divorciado de suas margens tudo corria bem; veiu vindo, veiu chegando, porém, subtil e silenciosamente, até que principiou a esboroar o beijo do barranco, a escaval-o como se fôra um sapador feroz; e de grão de argilla em grão de argilla, por tres ou quatro annos de assaltos, a cheia finalmente a devorou. Engliu a mais rica talvez das insulas alluvionarias do Rio-Mar. Ainda hoje, quando se passa de noite naquellas alturas, parece ver-se

o phantasma da ilha errando como um navio mal assombrado.

A pobreza da Amazonia, da muralha andina á marema atlantica, origina-se do CANAL. E' elle o inimigo invisivel e poderoso dos nucleos agricolas, dos estabelecimentos ruraes; é o adversario que arrebatata as economias, o trabalho, os haveres do homem da planicie. Fazendas, seringaes, *sitios*, aldeias, villas, cidades, foram e são victimas do seu contacto destruidor. De subito um campo feito a braço desaparece. Ruas, praças, pontes das *urbs* roceiras na hinterlandia imprevistamente commecam a sentir-lhe os efeitos diabolicos. Muros, fachadas, telhados de habitações manifestam qualquer symptoma de fraqueza pelos ruidos singulares. Vigia-se. E' o CANAL flagellante e sinistro que se vem encostando á fimbria litoreana. Dahi a dois, tres, cinco annos, o marulho potamico, á maneira dum dragão fabuloso, enguliu tudo.

Muitos logares importantes da Amazonia, de quatro seculos passados, hoje são apenas tradicionaes. Figuram na memoria publica como uma névoa num panorama. Nova Colonia, Manicoré, Cametá, para não citar outros, têm os seus dias contados. Terra nenhuma sob a linha clara do sol do Equador, mesmo protegida por aquella maravilhosa engenharia hydraulica da Hollanda, consegue fugir ao imperativo destruidor do CANAL. Porque elle é, sejamos justos, uma função aleatoria

da propria terra. Se esta ainda é frouxa, mal te-cida, mal batida, mal plasmada, e, por isso, mal segura, impotente pois para fixar os proprios lin-des — quanto mais os do CANAL, que lhe soffrem a acção reflexa, abrindo, encostando, estacando, de accôrdo com a resistencia marginal.

A famosa *terra cahida* dos geógraphos ines-pertos, não é uma determinante geral da erosão; nem se effectiva e apparece em todos os pontos da planicie, mas só e exclusivamente onde flue o CA-NAL. Os que observaram com ligeireza o caso na Amazonia não viram o motivo desses esboroamen-tos de taludes, a razão da agua roer e desmoronar as ribanceiras, o fundamento emfim da *terra ca-hida*, que é o CANAL. Somente quando elle lam-be a orla ribeirinha com sua lingua demolidora, carregada de detricos sedimenticios, de massa al-luvionaria proveniente da *agua branca* (nos rios de agua preta e verde não existe o phenomeno) é que se remarca o facto singularissimo da margem naufragar com o nome de *terra cahida*. O CANAL é o agente, unico responsavel pelo desastre. Sem elle, todas as beiradas amazonicas permaneceriam se dilatando, se estendendo, se ampliando numa perenne conquista geológica, numa vasta projecção tellurica, dentro de cujas linhas constructoras em breve a planicie teria enxotado de seu collo toda a agua mediterranea.

ÁS PORTAS DO ELDORADO

Quem vem do Sul, olhando a terra do mar, montanhosa primeiro, cheia de dunas depois, e, por fim, escondida sob a flora ribeirinha, tem a impressão segura das modalidades telluricas que dividem o paiz nesses trechos magnificos de paisagens diversas, de climas variantes, de costumes antagonicos; apenas o que não é capaz de suppor, atravez de taes aspectos da natureza, é que o espirito da raça seja uno, vivo e exaltado desde as coxilas gaúchas até as planicies paraenses. O mesmo amor á bandeira, a mesma fé nos destinos nacionaes, o mesmo orgulho de sermos brasileiros e termos nascido sob a luz propiciatoria do Cruzeiro. O milagre da nossa nacionalidade unificada aos assaltos de francezes, hollandezes e inglezes, e aos influxos do portuguez, do indio e do preto, deriva da varinha de condão dalguma fada magnanima, que desejou fazer um povo formidavel no sul do continente.

É verdade que nós, do extremo norte, só agora começamos um trabalho de transição para empolgar, de facto, nas letras, nas sciencias, na fortuna e nas artes o logar que nos compete e pertence, afim de que no praso de 25 annos (tempo em que as populações se dobram no Brasil) o Pará esteja, sem rodeios, inteiramente entregue a seus filhos. O espirito generoso de nossa gente, e, sobretudo, confiante na sua força de vontade, na segurança de que ao primeiro desejo tudo lhe virá ás mãos, trouxe a indiferença pelos postos de destaque. Accresce ainda, para aggravar este estado chaótico e diminuir porventura as cousas feitas, e foram muitas, que o primitivo chronista destas plagas, com rarissimas excepções, foi reinol. A idéa de se engrandecer projectando as epopeias lusas em todos os quadrantes da terra de Santa Cruz, levou os conquistadores egressos da Peninsula, frades, soldados, commerciantes, piratas a contarem as façanhas em alleluias vivas á sua raça.

Desde o *raid* cametauára até Quito, feito de dois annos executado pela resistencia do caboclo tocantino e attribuido exclusivamente a Pedro Teixeira, quando foi um nosso patricio, coronel Bento Rodrigues de Oliveira, que levou a expedição a bom termo, porque sabia navegar, falar e commandar — até ás descobertas parciaes, projectadas nos tributarios ainda por bandeirantes

destas zonas — que tudo é levado em conta ao advena e aos filhos de outros Estados. O nordestino, realmente, povoou a Amazonia, mas quem a desbravou, criando nas cabeceiras dos rios lindos *sítios*, estancias magnificas de pomares e roças, fomos nós, do Pará, sobretudo os cametaenses, que são os phenicios do Equador.

Agora é que a historia vae abrindo estas notas de claridade no emmaranhado dos chronicões para deixar ver a verdade; de sorte que só daqui para diante se pode restabelecer o facto real, dentro de molduras fieis, para emfim negar esse espirito de negligencia, senão de preguiça, que os maldizentes nos attribuem. O braço paraense, neste afan de dar uma prova sociologica, para não dizer anthropogeographica da sua iniciativa, retoma, retardadamente já se vê, a prioridade de tudo, cioso de que amanhã a cidade que floresce sob o céu azul do Equador venha a ser o maior emporio da civilização brasileira nestas bandas do Brasil.

O GATO ENCYCLOPÉDICO

E' lamentavel que Alexandre Humboldt não tenha visto e percorrido a Amazonia Brasileira. Mais exquisito é ainda que se não haja levantado na sua indole indagadora a curiosidade pelo rio que corta a America do Sul, de oeste a leste, como um encantado alfange de prata. Que não diria o genio allemão do estuario da maior corda liquida do planeta, do largo e curiosissimo delta, do sacco sensacional em que se lança essa torrente antes de ser engulida pelo oceano? Que horizontes novos não se abririam ás sciencias naturaes se a sua visada penetrante surprehendesse o plasma alluvionario que anda construindo o maravilhoso archipelago numa zona que já não é rio mas que tambem ainda não é mar?

Imaginação radiosa, fecundada por um scenario cyclópico, toda se illuminaria ao esplendor panoramico da luz sobre o verde, maxime quando o sabio investigasse a planicie do oriente para o

occidente, de baixo para cima, e constataste novas perspectivas geologicas, outros fluidos magneticos, esquecidas dobras do céu, torcidas e abrasadoras linhas do Equador thermico já flectidas para o norte; além dos mil motivos adstrictos ao seu olho geographico, afeito a descortinar num segundo, como a luz lampejante dum pharol, o objecto envolvido na treva.

Apesar no entanto da sua larga obra, Humboldt é mais admirado que conhecido, sobretudo no Brasil. Citam-no profusamente sem o ler. Pouca gente lhe abre os livros. Os jornalistas e escriptores, em geral apressados, referem-no de segunda mão, attribuindo-lhe phrases que não poderia ter dito dada a sua sabedoria em todas as provincias da historia natural. Uma dessas phrases é esta: "A Amazonia será o futuro celleiro do mundo". De vez em quando a ouvimos rangendo como um refrão axiomático, sem se saber da pagina, do capitulo, do livro em que veiu a lume. Que Humboldt tenha escripto que a depressão amazonica será o derradeiro reducto da humanidade, o ultimo recanto da civilização, comprehende-se. E' um pensamento cosmographico, que se baseia de certo na theoria solar, na perda calorica do grande astro, e pois no resfriamento da terra, que se aquece e vive da luz do sol.

Como a Amazonia é uma das regiões do globo que se acham sob a linha do Equador, e, portanto,

uma das ultimas a arrefecer, é obvio que Humboldt, numa resultante cosmica, e atravez do mundo sideral, prognosticasse para a Amazonia um dos derradeiros abrigos do homem. Quanto ao celleiro do mundo é natural que qualquer individuo, medianamente armado de conhecimentos climaticos, ponha em duvida a pseudo-sentença humboldtiana, porque sendo o genio germanico um especialista em materia geologica (escreveu antes de vir para a America uma obra sobre os basaltos do Rheno) e o vidente da geographia botanica, fundada por Warming, sabia que o trigo, impossivel de medrar na planicie amazonica, faltaria a esse celleiro. E como celleiro sem pão não é celleiro — claro que o ennucciado lhe foi attribuido por algum delirante homem de letras.

Filho dum major do exercito allemão e mãe franceza, calvinista, Humboldt nunca esteve na escola, fazendo os estudos preliminares, com seu irmão Guilherme, mais velho dois annos, em casa e sob a disciplina dos maiores professores teutos. Emquanto Guilherme foi um menino prodigio, philologo, conhecendo o grego e a sua historia ainda de calças curtas, Alexandre teve a projecção natural das intelligencias normaes, só abrindo as asas depois dos vinte annos. Veiu da França para a Venezuela, primeiro Estado americano em que aportou, trazendo em sua companhia o sabio francez Aimé Bonpland. Tinha então trinta annos. Era

bello e mundano. Demorou nessa expedição, através de varios paizes colombianos, cêrca de um lustro, tanto quanto gastou Darwin na sua viagem á volta do mundo no "Beagle". Alexandre Humboldt representa, sem duvida, a mais alta expressão scientifica do seu tempo. Sabia tudo. Razão por que seus patricios aristocratas, sem poder diminuil-o na mentalidade, appellidaram-no na Allemanha de Gato Encyclopédico.

Sendo o maior dos viajantes, via a pedra, a arvore, os rios, as estrellas, a flôr e a propria terra por entre os phenomenos geographicos. Schiller o atacou, Goethe o defendeu. Da sua amizade com Berthollet veio fatalmente a classificação de "bertholletia excelsa" para a castanha do Pará, por elle baptisada. Galgou cinco vezes os Andes. Além do volume sobre a "Geographia das Plantas", escreveu o da "Plantas Equinocciaes". Fez estudos sobre o bocio debaixo dos tropicos, signal remoto da molestia que havia de glorificar Carlos Chagas. O Mexico, paiz dos seus grandes amores, erigiu-lhe uma estatua. Cinco nações americanas do sul reverenciaram-lhe a memoria, de tal modo se constituiu elle o cantor da plaga e da gente colombiana. A "Historia da Geographia do Novo Mundo" é das obras que produziu a mais interessante para nós, incluindo mesmo o "Cosmos". Um dos seus biographos, attendendo aos sentimentos estheticos do sabio, pergunta se elle teria sido mais visual que

auditivo; se as côres o seduziam melhor que os sons, tão imaginosa e pannejante lhe fôra a arte dentro dos dois aspectos.

De estylo brilhante e de caracter firme, constituia uma figura singular na polarisação dessas características, que em geral se repellem na vida. Os psychologos observam: o artificio verbal e a belleza da forma são falliveis nos sentimentos puros. O homem que se não preoccupa com a phrase, segundo os analyistas da alma, é, por via de regra, o de melhor, o de mais rijo character.

A descripção de Humboldt da pesca do puraqué na bacia do Orenoco, feita por meio de cavallhada, li-a reproduzida ha pouco e sem a menor referencia da origem, no livro dum viajante que desceu o Araguaya. Apesar da alegria com que volveu á Europa, depois de cinco annos na America, levava no rosto as marcas da bexiga, num braço o signal da paralyisia, e no coração a saudade das mulheres que ficaram. Depois da viagem ao Novo Mundo, Humboldt andou pela Russia e pela India encaçado por uma pomposa comitiva scientifica.

Os intrigantes feudaes odiavam o republicano que elle era; suspeitavam-no mesmo de atheu; e, por isso, chamavam-no de Gato Encyclopédico. Sem embargo desse odio que lhe votava a nobreza, affirma um seu panegyrista, possuia na Allemanha milhões de vozes que lhe falavam carinho-

sa e ternamente. Gastando a herança nas expedições scientificas, o rei da Prussia Frederico Guilherme III mandou-lhe dar uma pensão annual do Estado. A grande patria do eminente naturalista berlinense reconhecia no filho extraordinario uma expressão cyclica da raça. Tolhido pelas patrulhas portuguezas que vigiavam as fronteiras occidentaes da Amazonia Brasileira contra os hespanhoes, que pretendiam baixar para estender o dominio de Castella, deixou de ver a terra do Cruzeiro, os seus homeñs, os seus phenomenos, os seus problemas, a sua natureza, em summa. A porta que lhe fechamos no rio Negro por injuncções politicas inevitaveis na época, abrimol-a hoje na mentalidade nacional, no espirito publico da nossa gente, com a seguinte glorificação: chrisamos o maior dos naturalistas patricios, o grande bahiano Alexandre Rodrigues Ferreira, que escrevera navegando nas aguas mediterraneas da Amazonia a "Viagem Philosophica" — de Humboldt Brasileiro.

AGUA MORTA

Um dos capitulos mais interessantes das *Leituras Geographicas* do illustre professor Raja Gagliola, é, sem duvida, aquelle denominado *O Phenomeno da Agua Morta*, em que a embarcação fica repentinamente sem velocidade e sem governo, consoante succedeu tres vezes ao *Fram*, no outomno de 1893, ao largo da costa da Siberia, defronte da peninsula de Taimir. Nos *fjords* da Noruega o facto é commum e accentuado, conforme se lê no livro de que me occupo. “Quando um vapor cae na agua morta, dizem os navegantes da Escandinavia, o melhor a fazer é parar a machina por um instante, e, depois que as vagas de separação (?) desapparecem, andar bruscamente a toda velocidade para vante”.

O monographista Jules Richard, de quem o autor das *Leituras Geographicas* copia a informação, cita M. W. Ekman, declarante de “que perto da ilha Vancouver, além de outros logares diante das embocaduras de grandes rios das duas Ame-

ricas”, o phenomeno é commum. Reporta-se ainda o especialista ao incidente contado por Plinio, de que o imperador Caligula, na viagem de Astura para Antium, havia se atrasado devido a um dos barcos da frota ter ficado parado e não poder avançar. Encontrou-se, então, uma rémora, curioso exemplar ichthyologico munido de ventosa na cabeça, preso ao leme. Quando o peixe foi tirado e levado á presença de Cesar, com grande espanto deste, o poder do animal desapareceu e o navio pôz-se a andar. O director do Museu Oceanographico de Monaco, divulgador desta pêta scientifica, mistura fabulas a episodios reaes, invadindo pois o terreno da lenda, sempre maravilhoso e ingenuo. Não era preciso tanto. De parte o depoimento falso de que o navio perde a velocidade com os propulsores em acção, vela ou helice, e, portanto, os movimentos, isto pela circumstancia de não se lhe vêr mais os bigodes no talhamar, os outros pormenores hydrographicos são rigorosamente verdadeiros.

O facto é frequente na vasta rêde potamologica do Pará. E por um paradoxo da lympha, a *agua morta* só existe junto da *agua viva*. Trate-se das planuras marinhas ou das toalhas fluviaes. Junte-se-lhe ainda este notavel contraste: é o recorte da terra, na apparencia alheia aos acontecimentos, que determina a *agua morta*. Porque, em seguida ás enseadas, reconcavos, golfos, bahias, percorri-

dos pela corda fluvial ou pela maré atlantica, quando a agua, na trajectoria concava que leva abre um angulo com a terra — é que se estabelece a agua estatica, se não a dinamica, animada em sentido contrario, refluxo produzido pelo volume aquoso projectado diagonalmente ao eixo da corrente.

O melhor documento do phenomeno, na Amazonia toda, constata-se no porto de Obidos. Mal o navio *que sobe* penetra nas aguas da cidade, perde o governo. O borbotão de espumas, que se lhe deslocava á prôa, desapparece num ápice, como se a nave tivesse parado. Se levava guinada para a margem, ou seja para boreste, ao entrar nesse novo trecho liquido, vára o barranco. E' que o aparelho dirigente do vapor perdeu a acção, e, pois, o controle da manobra, em virtude de lhe faltar a resistencia das columnas da agua que deslisam ao longo do casco. A circumstancia de ter o navio passado de uma corrente contraria de quatro a cinco milhas para uma superficie inerte, que augmenta para uma, duas e tres milhas favoraveis á proporção que o barco avança — gera a inatuação do paquete ou *gaiola* sobre a massa liquida. A porta do leme, que vinha recebendo dum e doutro lado a pressão hydrica deslocada com a marcha, fica, de repente sem attrito da lympha, cuja directriz se inverteu em virtude do recorte marginal. Com os gualdropes bambos, por motivo da falta de resistencia do leme, o vapor, como um monstro ferido,

mostra-se tonto, desorientado. Se tiver duas helices, corrige a guinada, tocando as machinas uma atrás outra adiante; se apenas uma, tem que andar a ré e fundear *ex-abrupto* para evitar abalroamentos ou quaesquer sinistros.

O caso registado na costa da Noruega decorre do desenho irregular da terra, do mataime tellurico, das reentrancias e dos cabos que bordam a beirada. De sorte que o fluxo e refluxo da maré determina em cada angulo morto da corrente a *agua morta*, inexplicavel e fabulosa para quem a vê de relance e do largo, não porém para aquelles que a observam de perto, cem, duzentas, trezentas vezes. Sempre que um navio em viagem, costeando as margens do Amazonas, affluentes e defluentes, penetra de subito num remanso, consequencia dos taludes que avançam e recuam, perde o governo sem, no entanto, perder a marcha (que deve ser o caso do *Fram*), succedendo commummente enfiar-se matto a dentro ou virar rio abaixo, por falta de acção no leme. Foi a *agua morta* que produziu o phenomeno, porque assim que o navio a sulca, na parte jusante das praias em meandros regulares dos cursos amazonicos, ella é effectivamente parada, ganhando velocidade favoravel, ao arrepio da corrente, á proporção que se aproxima da ponta montante, abaixo da qual se estabelece o angulo estático, dentro de cujo ambito a agua viva cria a *agua morta*,

O NOVO PHAROL DO FRECHAL

Agita-se novamente o caso do balisamento na bahia do Cussary, altura de Monte Alegre, zona do Baixo Amazonas. O problema é tanto mais delicado quanto preso á questão geologica. Tratado na volta de trinta annos passados, resultou no maior fracasso na materia. E' que o local então foi mal escolhido, isso porque toda a região que emmoldura aquella bacia é de terreno alluvionico, derivante pois da sedimentação fluvial, da vasa e dos detricτος carreados pela corda potamica. Sem falar nos bancos e nas ilhas que lá se formam e desapparecem como por encanto, a fimbria em volta da bahia é toda frouxa, com os taludes lavrados em solo pós-aternarios.

O pharol do Frechal, como se chamou a balisa collocada na ilha do mesmo nome, erguia-se pelo montante do farelhão hoje destruido e que se desmanchava naquelles tempos aos effeitos da corrente. A agua lambia, numa erosão monstruosa,

pelo fio do canal que lhe passava junto, o sector da ilha em que collocaram a torre luminosa. O beicho do barranco mordido pela torrente, que descia sob a força dos repiquetes, desagregava-se dia a dia no maior desgastamento possivel. A bahia do Cussary, aberta no Amazonas num dos pontos mais batidos pelos aliseos, não somente é rasa devido a sua largura, como revessa ao navegante por motivo da alternativa constante dos canaes, que ora se encostam ás margens continentaes, ora se afastam para o largo. Isto pela simples razão da curva do rio, que faz alli um arco accentuado para o sul de quem sobe, expondo a costa do Cataú á furia dos ventos que avançam de leste.

Em todo o percurso do grande caudal, desde o sopé dos Andes ás maremas atlanticas, não ha um ponto como o da bahia do Cussary, onde a vegetação ribeirinha se resinta da violencia das correntes aéreas, que retorcem as arvores, inclinam os arbustos, arrancam as gramineas, varrem as plantas, devastam os ninhos, deixando a impressão por alli da passagem commum dos cyclones, ou, pelo menos, dos tufões. O friso vegetal da beirada é rachitico, meio anão, doente, sem viço nem belleza, tal o castigo que Euro, num arranco de gigante, inflinge nos arredores. Tanto a volta do rio que tem, naturalmente pela força da agua, pelo impulso das descargas egressas dos cimos, de riscar o canal, cavando o alveo das derrotas, como a venta-

nia do oriente, que nesse local flagella de verão a planície, rasgando a selva das margens; tanto uma como outra, dizíamos, concorre para que o roteiro, principalmente quando elle é feito ao largo, como agora, offereça ao navegante a mais delicada singradura, quasi tacteante, mais adivinhada que entrevista, cheia de perigo, sem defesa nem amparo, nem ponto de referencia, tal o fumo dos campos, a cinza dos aliseos, o zunir e o tropel do vento.

Balisar pois aquelle trecho, zurzido pelos elementos desconnexos e enviezados é o desejo de quantos sobem e descem a verde explanada. Entretanto, de tal forma aleatorio se nos apresenta o problema integrado na caracteristica amazonica, de alteração e recomposição a todo o instante, que é preciso logo antever o futuro. O pharol só pode ser provisorio, levantado com o destino fatal de uma nova mudança amanhã, logo que o canal-marter se mude e o logar, hoje firme, volte a se esfarelhar, a ruir, a se dissolver na toalha barrenta do Amazonas.

OS FÓSSEIS

Emquanto os sabios giravam em torno de aspectos cosmographicos, no tratar de materia positiva, como é a geologia da Amazonia, a confusão foi completa. A identidade das camadas telluricas do amphitheatro paraense não somente era deficiente e falha, como possuia mesmo tons de fantasia, notas de lenda e de fabula. Só depois que Frederico Hartt, á frente duma expedição scientifica, positivou o fóssil no collo da terra da planicie é que se vem fazendo estudos regulares no campo paleographico e da stratigraphia. Quando Agassiz, em 1865, esteve no valle em companhia da esposa, redactora do celebre *Journal* que denegriu o caboclo, nada se desvendara ainda nesse sentido. Para certos sabios a nossa terra era incognita... E' que as investigações, sem as bases tectonicas, e, sobretudo, paleontologicas se tornavam improficuas. Só depois que a sciencia moderna, fundada por Elias de Beaumont, invadiu os espiritos per-

quirentes destes dias, é que a verdade começou a surgir.

A concha, a alga e o coral marinhos fossilizados e perdidos nos taludes litoreanos da nossa rede hydrographica, quando achados nas dobras do chão, constituíram verdadeiros lampejos na treva geologica. Ratificava-se desse modo a objecção de James Orton, que denunciara como falsa a theoria glacial no zero das nossas latitudes. A grande planicie em que habitamos fôra mar. Os infusorios e as baleias, no plancton e nos pélagos profundos, já derivaram e nadaram onde hoje a alluvião morena das varzeas alteia o collo fertil. Apesar de algumas buscas no Solimões e no Maranhão, por gente que depois de remontar do Pacifico a annuviada cordilheira do occidente vinha em seguida remexer a verdoenga *montaña* cisandina, foi no Baixo Amazonas que se constatarem as melhores provas dos cyclos da terra; por ellas se tem alcançado dados seguros sobre os phenomenos de remotos deslocamentos do solo, além da transformação das pedras metamorphicas.

Os relêvos orogenicos, ao norte e ao sul do Rio-Mar, e para aquem das fronteiras politicas do Pará, foram os mais bem observados pelos especialistas. Os barrancos do Maecurú, Curuá, Trombetas, Tapajós, Xingú e Tocantins, escavados e observados em indagações minudentes, revelaram, num clarão prehistorico, a geographia immemo-

rial. E a faisca foi o humilde fóssil. Pincaros, abysmos, florestas, campinas, ventos, estrellas, na grandeza maravilhosa de seus contornos, não têm o condão preciso, quasi mathematico, de assignalar um tracto de terra, denunciando-lhe a idade, como a concha dum mollusco ou o fio longo duma alga em estados fósseis. A identificação das especies zoologicas e botanicas petrificadas ou apenas estampadas nos graptolitos, nesta ou naquella camada de terreno, rememora immediatamente a era em que taes animaes e plantas existiram na superficie do globo. Fóra destes principios geológicos em que se balanceiam os millenios sedimentaes, confirmados na paleontologia, tudo é obscuro e negativo.

Darwin, na sua grande obra *Viagem dum naturalista á volta do mundo* constatou, pelos fósseis, que depois do apparecimento da cordilheira dos Andes, esta submergira e emergira no oceano varias vezes. As conchas marinhas, nos cimos e nos flancos dessa muralha gigantesca, denunciavam as eclosões e os mergulhos. O mesmo phenomeno por aqui. Os coraes encontrados soterrados na borda medio-devoniana dos tributarios, abrem visadas edificantes na velha e perdida physionomia da planicie, de tal modo o polypo coralino só vingava numa determinada profundidade da agua salgada e crystallina, de temperatura suave, circumstancias ao presente alheias a estas paragens.

Ora, se taes condições geographicas e atmosphericas, necessarias á vida do calcareo roseo desappareceram no momento em que se o acha no solo, é obvio que antigamente o clima era outro, outra a agua e a profundidade outra. São os fósseis que nos levam a estes raciocinios logicos e indesviaveis.

INFLUENCIA HUMANA, CLIMATICA E
ANIMAL

De um balanço porventura dado nos chelonios amazonicos, incluindo mesmo os egressos do Atlantico, aquelles que viviam nas costas e estuarios de rios paraenses, apura-se este desolador resultado: algumas especies extinguem-se e outras rareiam. Será somente o homem destruidor o culpado desse phenomeno? Parece-me que não. Temos que metter em conta o agente mesologico. Tanto a flora como a fauna são resultantes da ambiencia, oscillam com as gradações atmosphericas. As plantas e os bichos sobem para o Equador ou descem para os polos de accôrdo com a temperatura reinante. E como é patente que, em qualquer parte do globo a influencia climaterica não é firme, segue-se que as arvores e os bichos emigram conforme as variações do meio.

Quando a Inglaterra foi um paiz tropical, os coraes, hoje impossivel de alli subsistirem, a ro-

deavam. A paleontologia é que nos conta isso. Na Amazonia, evidentemente soffrendo ha longos annos de uma reacção climatica, que altera os panoramas da flora e as familias da fauna, os lamelli-branchios vão desapparecendo após o sumiço dos grandes animaes como o *mosasaurus*, o *dinosuchus terror*, o *gryposuchus jessei*, que já fizeram parte da nossa bicharada.

Além da influencia astronomica, concorrem para essas alternativas climatericas as reacções occasionadas pelas correntes aéreas, pelos rios pelagicos, pelas erosões, pelas chuvas, que, modificando o conjuncto physico da terra, modificam tambem insensivelmente o nosso ambiente, e, pois, as condições do *habitat* de determinadas arvores, de determinados quadrupedes, de determinados peixes, de determinados chelonios. A tartaruga do mar, por exemplo, que subia o estuario tocantino e proporcionava, com o seu casco maleavel e bello, um trabalho artistico e rendoso aos antigos moradores, sumiu-se. Os nossos avós, que lhe fabricavam da carapaça o pente, a piteira, o cofre, o castão e toda uma série emfim de objectos de luxo, e utensilios domesticos, tiveram a industria morta pela fuga do animal.

Assim succede ás familias de bivalvos, abundantes ha tres seculos, nos idos da conquista. Quando Hartt andou pela segunda vez nestas paragens, ha meio seculo talvez, notou que uma coi-

sa era consequencia da outra, isto é, que em virtude da transformação physica do valle, o clima se alterava e as especies da fauna e da flora tendiam a emigrar. O peixe-boi tambem rareia. Certos moluscos extinguiram-se.

Não se pode esconder que o homem é um grande culpado dessa destruição feroz; mas atrás del-le, invisivelmente, ha um destruidor maior: o ambiente, melhor, a natureza, que vae criando propriedades hostis a este ou áquelle sêr na retirada perenne de condições propiciatorias á vida. Foi o que aconteceu á tartaruga do mar.

Em compensação, a tartaruga dagua doce, chamada *yurára-assú* entre os indigenas, apesar de não exhibir, é verdade, as qualidades magnificas de transparencia na carapaça, apresenta uma carne fina e delicada, saborosa, macia, superior á do porco, e tida aqui como a melhor das brancas do amphitheatro. Conhecida por vacca da Amazonia, ella symbolisa o grande manjar dos moradores da planicie.

Mas, as suas propriedades alimenticias e generosas contrastam com o seu aspecto singular e prehistorico. Remarcando algo do jacaré pela cloaca, possui igualmente semelhanças, pela cabeça, com as aves e os sapos. Maxillas sem dentes, como o bico de um rapinante, tem, ainda, como este, tres palpebras; anel esclerotico em torno dos olhos; e um pescoço comprido parecido ao de cer-

tos voadores. O aspecto é paleozoico, á feição da cigana, que traz garras nas asas.

Integrado com o calor, inimigo do frio, esse reptil é tão agil nagua como preguiçoso em terra. De cerebro reduzidissimo, a sua força muscular é assombrosa. Mutilado, membros amputados, sufocado, vive durante horas escandalosamente sem cabeça. Alguns gaviões da planicie, para comem-no, levantam-no nas garras quando ainda o chelonio é tartarugota (cunhamucú) e deixam-no cahir sobre pedras, até que se lhe rompa o escudo.

Desovam nas praias e a eclosão dos ovos se faz pelo sol, em covas fechadas, no tempo do verão, setembro e outubro. Botam de 60 a 130 ovos de cada vez no buraco que abrem com as patas dianteiras. Feita a postura, recompõem o receptaculo com a propria terra retirada e batem com o peito, para nivelar o monticulo. O vento, depois, uniformisa a superficie da areia, sem deixar vestigio da operação.

Entretanto, o caboclo, apesar de não haver indicio apparente, quando lhe quer tirar as posturas, sonda a praia com uma varinha pontuda. Onde esta entra, signal de terreno fofo, tem ovos. Assim devastam as ninhadas. Sempre que as tartaruginhas logram escapar e romper a casca do ovo na cova, saem dalli em busca da agua. Com as carapaças mal consistentes, levam a gemma do ovo, como um coração amarello, atravessado no peito,

E' uma reserva alimenticia que a natureza ahi collocou para a defeza da especie. Os urubús, os jacarés, os surubins, as pirahibas, substituindo o homem, as devoram. Mas a odysséa deste chelonio não finda nisto. Existem ainda a *batição* e a *viração*, dois processos terriveis de captura que concorrem para a extincção da tartaruga no valle.

DO MIMETISMO AO AUTOCHTONISMO

E' curioso que Bates e Wallace, os primeiros systematizadores da theoria do mimetismo na Amazonia, não reparassem no papagaio; e fossem achar na borboleta os principios mimeticos de que certos sêres se servem defensivamente para a transformação momentanea e subita, identificando-se ao meio ambiente e ajustando-se à tinta local do ponto em que o perigo os ameaça. Que as borboletas impressionam melhor talvez no caso pela variedade de côres e pela adaptação occasio-
nal ao tronco, ao galho, à herva, ao solo — é um facto que não se pode esconder. Nenhuma dellas porém se amolda ao "habitat" como o papagaio à fronde em que pousa e vive, escondendo-se das vistas alheias.

Verde, semelhante à folha, perde-se na redoma esmeraldina das arvores à feição de um tufo nascente de grelos. Adapta-se e some-se nas cupulas arboreas com esse encanto mysterioso e pagão

que resumbra da hyléa. E só é descoberto pelos caçadores em virtude do caracter bulhento, que o torna ruidoso, principalmente nas comédias, onde disputa resingando os fructos aos companheiros; quando não, nos "barreiros", em cuja chaga tellurica se encharca gulosamente daquella terra salgada, vestigio do oceano remoto na hinterlandia. Fóra disso o papagaio ainda se denuncia ao inimigo pelo nervosismo, pela constante agitação, pela inquietude perenne, a tal ponto que os naturalistas o comparam pelo movimento ao macaco, tanto os dois se mexem, saltam e pulam. E de admirar pois que Alfredo Wallace, o criador da Zoo-geographia, e Walter Bates, o famoso entomologista profundamente enfrornado na avi-fauna desta plaga, não surprehendessem, em prol do mimetismo, a confusão das tintas do papagaio com a chlorophylla dos altos zimborios tutelares. Se assim fosse, as observações dos dois sabios teriam principiado seguramente por especies ornithologicas.

A razão porém destas linhas não é de historia natural, mas de historia social. A sciencia aqui annulla-se ante a parabola anthropogeographica do indio. No rememorar dos aspectos ethnographicos do Brasil sempre se estranhou o fraccionamento das tribus dentro das proprias raças; e, mais ainda, a multiplicidade de malocas dentro das tri-

bus, signal seguro duma involução irreprimivel, que leva o povo colombiano ao desapparecimento.

Nunca se pensou entretanto que isso proviesse de uma simples contenda domestica levantada por causa duma ave... Quem conta o caso ingenuamente referido neste trecho é um velho chronista dos tempos coloniaes. Na verdade, outros historiadores, com igual rosario e identica estamenha daquelles idos, attribuem a dispersão indigena ao furto duma cunhã, acontecimento que singularmente repete o da guerra de Troia, originado no rapto de Helena, mulher de Menelau. O grosso dos publicistas daquela época insiste todavia em affirmar que a briga selvicola determinante do fraccionamento amerindio do sul foi devida a um papagaio. Disputado por duas esposas de guerreiros tupis, irmãos ainda por cima, a contenda principiou. A mulher do mais velho achara o "louro" implume na mata. Criara-o, engordara-o, perfilhara-o. A mulher do irmão mais moço fôra no entanto a educadora. Mestra do papagaio, ensinara-o a falar cousas bonitas, cousas sensacionaes. De sol a sol a professora impenitente articulava os vocabulos tupis da sua predilecção de maneira que o discipulo, no poleiro, os repetisse claramente. "Poranga, cunhantã, curumim, tupã, cariuã", foram palavras soletradas de vagar até o bicho reproduzil-as cheia e sonoramente.

te outros horizontes aos seres deste seculo. Os sábios que andaram na Amazonia, dos maiores do universo, mal levantaram o véu dos problemas lacrados no segredo colombiano.

PERO VAZ DE CAMINHA

Pero Vaz de Caminha, o nosso primeiro homem de letras, aquelle que inicialmente pintou, numa carta ao rei D. Manuel, a fecundidade da terra brasileira e a belleza das nossas indias, é geralmente conhecido por escrivão da frota de Pedro Alvares Cabral. Entretanto não o era. Nem sequer fazia parte do rol de equipagem da nau capitanea, em que viajava como simples passageiro rumo do Oriente. Destinado a Calicut, onde iria exercer a função publica de escrivão duma feitoria a se criar, o titulo certamente que lhe davam a bordo misturou-o com os reaes tripulantes a ponto de o julgarem parte da guarnição. Dahi o confusionismo que se estabeleceu em torno de sua figura immortal.

Esse confusionismo se divulgou até hoje, tempo em que historiadores de nota, jornalistas e pedagogos ainda chamam Caminha de escrivão da armada.

Felizmente Capistrano de Abreu, o grande Capistrano, não deixou passar em branca nuvem taes cochilos. E desfaz assim o engano, pondo em pratos limpos a personalidade de Caminha. Não se limitou todavia o famoso escriptor brasileiro a esclarecer o officio do passageiro que viajava a bordo do navio de Cabral; foi ao pae de Caminha, ao neto, ao genro. Contou onde nascera o celebre epistologapho, o ponto em que morreu, e como as cousas se passaram; quem era e porque fôra escolhido para aquella incumbencia. Esbagaça emfim a vida do famoso Caminha. Tritura-o, arrasa-o, redu-lo a poeira. Dir-se-ia um allemão fazendo a biographia de qualquer sujeito, sem escapar um numero, um episodio, uma aventura. Sabe-se então que Pero Vaz de Caminha, antes de ser nomeado para Calicut, exercia o cargo de MESTRE DE BALANÇA DE MOEDA, no Porto, profissão, consoante a exegese de Capistrano, que lhe deu essa maneira de tudo comparar e miudadamente observar, menos as cousas marinhas, que ignorava, e as cousas do céu, tambem vedadas á sua fallencia astronomica.

Rareia-lhe a technica maruja das manobras, as estrellas, o sol, os phenomenos em summa da atmospheria, tão abundantes na carta de mestre João (este, sim, tripulante da frota), e que escrevera tambem com data igual á enviada a Lisboa pelo falso escrivão.

E' bom notar que a carta de Caminha foi declarada apocrypha pelo historiador argentino Luis L. Domingues, num artigo publicado em "La Bibliotheca", de Buenos Ayres, por volta de 1897. Nesse artigo porém o critico chama a Caminha de secretario de Cabral, o que ainda é peor talvez que chamal-o de escrivão. Além das notas directas sobre o primeiro colorista da nossa plaga, Capistrano dá outras informações interessantes sobre o genro do epistológrapho, pessoa que vagamente figura no final da carta ao rei D. Manoel nestes termos: — "E' pois que Senhor, é certo que assim neste cargo que levo como em outro qualquer outra cousa que de vosso serviço for, Vossa Alteza ha de ser de mim mui bem servido, a ella peço que por me fazer singular mercê mande vir da ilha de S. Thomé Jorge d'Osouro, meu genro, o que della receberei em muita mercê". Era o indulto pedido ao rei D. Manoel depois de atordoal-o com o esplendor da descoberta.

Deste genro de Caminha ,ainda consoante documentos de Souza Viterbo examinados na busca de Capistrano, diziam o seguinte: "Cerca de 1491, Jorge d'Osouro foi juntamente com outros aposar-se á força de uma igreja, erradamente considerada vaga, e accusam-no de ter roubado pão, vinho e gallinha e outras coisas que poderiam valer mil e trezentos reaes. Pelo mesmo tempo deu feridas em um clerigo "scilicet", uma pela cabe-

ça, e outra pelo pescoço e tres feridas pequenas pelas costas”. O genro, como se vê, era um estouvado, valentão e bohemio.

Quanto a Caminha, verifica-se ser elle um destes intellectuaes que fazem a delicia dos soberanos atravez da historia, da graça e da anecdotia. Comensal talvez de D. Manoel (a intimidade da carta dá a entender isso), assim que se tratou de uma nova investida ás especiarias, investida que secundasse no Oriente a proveitosa expedição de Vasco da Gama, lembraram-se, entre o pato no arroz e a trouxa de ovos da mesa daquelles idos, de melhor collocar Pero Vaz de Caminha, que se nos afigura assim uma especie de fiscal de consumo, salvo melhor juizo.

Organizada a expedição cabralina, lá seguiu o amigo de D. Manoel. Ia sem duvida muito recomendado ao almirante, tanto que viajava no capitanea e assistia ao conselho de capitães, vedado a um leigo que não fosse tão distinguido. Tendo aquelle genro degredado na ilha de S. Thomé, Caminha lembrou-se de aproveitar a descoberta para solicitar alviçaras. Feita a missiva, escripta com a tinta da alegria e atravez dos vidros côr de rosa dos oculos de Pangloss, arriscou o pedido com que fecha a carta: a volta do genro para Lisboa.

E seguiu o seu destino. Pouco tempo depois de ter deixado o Brasil, uma tempestade reduziu a

frota, perdendo-se a nau de Bartholomeu Dias, que naufragou com outras tres embarcações.

Por fim aferra a armada em Calicut, onde se ia fundar a feitoria, que, de facto, se fundou e da qual era escrivão Pero Vaz de Caminha. Os arabes negociantes no lugar, enciumados com os adventicios recém-chegados, revoltaram-se e assaltaram o novo estabelecimento portuguez, matando quasi todos os lusos encontrados na feitoria. Como o Samorim, sultão da localidade, não dêsse satisfação do incidente, Cabral, ainda ancorado no porto, bombardeou Calicut arrasando-o e incendiando-o. Não se sabe ao certo se Caminha pereceu á mão dos infieis (como se chamava na época a quem não era christão) ou se victima do fogo da esquadra. A verdade é que o escriptor da carta que primeiro deu noticias da nossa patria alli desappareceu. Para o posto que o grande Caminha occupava no reino, MESTRE DE BALANÇA DE MOEDA, foi nomeado um seu neto, menino de cinco annos, tal era a deferencia do soberano pelo morto.

Grande parte da mentalidade brasileira desta época refere erradamente o caso de Caminha baseada nos mais eminentes historiadores. Se começamos não sabendo o papel que desempenhava o primeiro chronista nacional, aquelle que tão gratamente pintou o scenario da costa patricia, então era melhor enforçar o officio. Graças porém á

rutila e coeva intelligencia de Capistrano a lebre foi corrida. Mas faltam outras. Como, por exemplo, a do ACASO ou não da descoberta. Da propria carta de Caminha os exegetas tiram argumentos pró e contra a these que sustentam.

XXV

CARTA DO OUTRO MUNDO

Meu caro Santanna Marques:

Foi com profunda saudade e viva recordação que folheei hontem o *Estado*, em edição de anniversario, 52 paginas, onde se desdobra o cunho lampejante de sua penna, a reflectir um conceito de Goethe, o neto do adivinho. Na minha mente passou, numa projecção kaleidoscópica, toda a galleria de jornalistas, politicos, militares, artistas e homens de letras que agitaram a campanha memoravel de civismo em prol de Nilo Peçanha, guardião da democracia e um dos atletas que sacudiram as instituições da 1.^a Republica.

Nesse tempo V. não se emplumára ainda no chantcler dagora, que faz nascer o dia ao som do proprio canto; pintainho sem crista nem esporões, mal ciscava a minhoca literaria no terreiro remexido pelos gallos de Apollo. Eram os albores da revolução triumphante de 1930, da qual fomos os

vedetas e sapadores na redacção do órgão que acaba de fechar o cyclo aureo de 26 annos.

Dez mezes de luctas tremendas, furiosas e alegres. Ao raiar da aurora, mal repontava no oriente o clarão do sol, nós jogavamos pelas columnas do *Estado*, sobre o adversario, o que nos vinha á mão, literariamente, já se vê: pedra, caco de garrafa, cisco, ovo podre, esterco, o diabo! Duas passeatas populares levaram ao jornal que V. hoje secretaria com tanto brilho e prosperidade, applausos e palmas, discursos e solidariedades. A mim um orador arrebatado, em surto demosthenico, entregou a liderança da imprensa paraense, canudo symbolico que me tem custado caro...

Havia tal repercussão na alma nacional do que nós affirmavamos, que o meu grande amigo Justo Chermont, vigorosa intelligencia de parlamentar, arguto psychologo, ductil diplomata, antes para me accender a labareda reivindicadora no coração, que, de certo, para me agradar, attribuia, em epistolas a mim enviadas do Rio, um condão virgem nos meus artigos e nas minhas chronicas. Em geral — frisava o eminente senador — são os periodicos da provincia que transcrevem o trabalho dos jornalistas cariocas, enquanto que com V., concluia, é o contrario, são as gazetas da metropole que transcrevem os seus. E juntava os retalhos comprobatorios. Pode V. calcular, subtil San-

tanna, como eu me enchia de dedos. Era quasi a gloria. Mas não ha bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe, lá diz a sabedoria popular. Nem as rosas de Malherbe tiveram vida mais curta que a minha satisfação.

Lembra-se V. do Penna e Costa, talento rom-pante, que vivia ás turras com os padres, confrarias, irmandades e conventos, não escapando sequer um sacristão? Muito bem! Como eu reservasse methodicamente, em minha residencia, da 1 ás 3 da tarde para fazer o editorial de duas columnas, que, sob minha assignatura abria religiosamente o *Estado*, prohibi que nesse intervallo se dissesse que eu estava em casa. Uma vez, porém, chega o Penna e Costa. Quebrei a ordem. Recebi-o.

Já no meu gabinete, disse-lhe, sem cerimonia, estar terminado o artigo diario que seria estampado na manhã seguinte. O meu preclaro confrade apanhou numa das estantes qualquer volume e sentou-se, até a conclusão da descalçadeira vehe-mente que eu alinhavava contra o sr. Arthur Bernardes e contra o coronel Libanio (desavergonha-do director da Recebedoria de Minas, que só dava dinheiro aos nossos adversarios), bodes espiato-rios da minha loquela pamphletaria, rubra e dra-matica. Penna e Costa não lia, porém, o livro aber-to, consoante me garantiu depois: espiava-me. Concentrando minha imaginação na invectiva,

cheia de cobras e lagartos, nem lhe reparei na attitude sonsa e bisbilhoteira.

Prompta a catilinaria em que se reaffirmava, destemida e galhardamente, que nós, nilistas, preferiamos Fernando de Noronha ou fôrça a receber um nickel sequer do sujeito que infamára o Exército dizendo que o compraria — deixei a visita e fui mudar de roupa para sahir. Ao regressar encontro o Penna lendo o que me acabára de fugir do lapis. Sahimos. Travou-me do braço o amigo, e, confidencialmente, segredou-me: “Sempre suspeitei do que acabo de descobrir: tú não passas de *medium inspirado*. Nem é tua mão que corre sobre o papel nem é teu pensamento de dita. Ages inconscientemente. Varios espiritos se servem de ti como simples apparelho transmissor”. Fiquei anniquilado. Ninguem pode calcular, meu devoto irmão Santanna, não só o susto que raspei, como o desapontamento que soffri. Quasi desmaio.

De facto eu já havia lido no *Animismo e Espiritismo* que determinado camponio americano terminára, com a mesma belleza, o mesmo estylo e o mesmo humor um romance de Dickens, inglez que V. conhece muito. Imagine, pois, a angustia dolorosa em que fiquei ao verificar, com provas de além-tumulo, a minha inferioridade mental, o meu triste e secundario papel em materia de letras. Simples apparelho! E mais: joguete passivo de espectros politicos, que viviam me atirando contra

o sr. Bernardes. A policia nos vigiava. Desd'ahi que, ao me sentar na banca para redigir uma linha que seja, tenho logo a impressão da minha irresponsabilidade, visto não passar de machina, movida por quanto fantasma vive na solidão etherea.

Quem será agora a alma do outro mundo que me inspira esta carta? Ignoro. Bem que olho em torno a ver se pilho o sujeito. Em todo caso, se um fino humorista do calibre de Dickens não se diminuiu em pegar na destra grossa dum rude camponez da terra do pavilhão estrellado, segundo Aksakof, não haverá nada de mais que qualquer outro finado de remarcada estirpe guie a minha mão e narre factos joviaes que me não ocorreriam sem estar sob o alvedrio da gente do paiz das Sombras. Que acha? E para que esta epistola, como aquella de S. Paulo aos Corinthios, cresça aos seus olhos christãos e tenha maior valor, lembro-lhe a possibilidade de ser obra de Sterne, ou de Swift, ou de Mark Twain ou de Machado de Assis. Minha é que não é.

Pretenção de quem assigna, dirá V. eruditamente, por attribuir semelhante chlodra a esses magnatas da ironia e do sorriso. Considere, porém, encantador Santanna, que eu não influi com a mais ligeira virgula para esta exótica missiva; considere ainda que muitos desses pensadores foram descuidados no genero epistolar, como ao presente succede aqui. Se porventura o scepticismo não lhe

admittir taes individualidades, por estranhas ao meio physico (cosmico ficaria mais bonito, hein?), fóra do meu ambiente, alheias ao clima, á chuva, ao vento, ao sol da planicie, emfim, insinúo então, com toda a reserva, um nosso collega, o chorado escriptor coronel Emiliano Frade, em cuja graça philosophica e receitas domesticas, nós todos bebemos vastos conhecimentos na vida.

Et nunc et semper.

INDIOS PRETOS E LOUROS

A coqueluche amazonica nestes annuviados dias de 1937, em que as potencias se entreolham de dedo no gatilho, é falar de Fawcett, o explorador inglez que pretendia descobrir a Atlantida nos sertões de Matto Grosso. O caso inverteu-se, confirmando o proverbio de que um dia é da caça outro do caçador. De sujeito que procura uma cidade no meio da selva Fawcett passou a ser procurado. A hinterlandia toda está sendo espiada a ver se alguém encontra o vedeta da Grã Bretanha na floresta americana. Vivo? Morto? Tuchaua? Prisioneiro? Ninguem sabe. O que eu garanto e juro é que o caso não é virgem, tanto parecem gostar os indios, melhor, as indias, dos inglezes. E' o cachimbo, de certo, o cheiro do tabaco e do sarro.

No rio Branco, ha uns vinte annos, ancorou um. Fidalgo, rico, mandou ás favas as *ladys* londrinas e abarracou-se com uma tapuia que era mesmo um louvar a Deus de gatinhas. Exigida a

sua presença na capital do Reino Unido através de precatorias, o subdito de S. M. Eduardo VIII tirou a tanga, vestiu uns pantalões, e marchou para a bruma e para o *fog* por causa dum inventario em que lhe tocavam montes de libras esterlinas. Pois bem, o dito patricio de John Bull foi á metropole da Inglaterra, deu tudo que lhe tocava, e voltou patriarcalmente para a sua tanga de penas a ver os seus xerimbabos e a sua roça. Não será o caso de Fawcett? O rabicho em maloca, solidificado na mão da onça, na priprioça, no péga-não-me-larga, no cumarú e na baunilha, é de rebimba...

Para quem tem roído a banda podre da vida concretizada naquelle frio do Tamisa, nas *toilettes*, no protocollo, obrigado a mudar de traje seis vezes por dia, a não dar uma risada em publico sem ser preso, e chega aqui de repente, onde só se anda nú e não existe frio — o alegrão não é deste mundo. Deu o fóra no quartel (Fawcett era do Exercito), na corneta, na ordem do dia, na meia volta, na continencia e haja dormir até a senhora sua sogra, com uma cuia de mingau de arroz com castanha, acordal-o para o *breakfast*. Vidão! Lá uma vez por outra, quando lhe dá na telha, caça, pesca, rala sua mandioca e mais nada. E vem dahi a razão porque varios ethnologistas affirmam que na Guyana ha uma tribu loura, branca, de olhos

azues. Todavia, apesar da batida que se tem dado atrás dessa raça ariana no Novo Continente, ninguém a encontra; apenas um ou outro tapuinho branco, cabellos de ouro, olhos de saphira, perdido nas tribus. São os Fawcetts, que embora regrados e retrahidos sob o céu plumbeo de Londres, aqui, ao calor da luz do Equador, revelam-se de uma fertilidade de ratos.

Do lado de lá da bacia amazonica, nos cafundós do Madeira, pelo Guaporé acima, é o contrario que se vê: apparece indio preto que não é graça. Ha quem diga existir tambem por alli uma nação de aborigenes negros. Não ha nada disso, porém. O motivo *africandó* é o mesmo da Guyana. A carapinha é um derivado. No tempo da escravtura, tanto de Minas como de São Paulo, os captivos desertavam e vinham fundar os seus mocambos perto das malocas. O resultado era indio cafuso á bessa. Villa Bella, no Guaporé, hoje em decadencia, foi uma cidade prospera e quasi somente povoada pelo *afro* fugido á vara do feitor paulista.

Em toda essa região encontram-se nas malocas typos de mulatos escuros, pelle carregada, filhos de preto egresso do ergastulo das fazendas dos planaltos. Foram os mocambeiros os autores daquella tonalidade epidermica e daquella pimenta do reino na synagoga indigena. Fechando, pode ser que eu me engane, mas pelo tempo, Fawcett já

deve ter, nada menos de quatro *cunhantans* e quatro *curumins* louros. São portanto inúteis estas buscas que tanto constroem a austeridade e o bem estar de um coronel inglez...



XXVII

SÃO JOÃO

Segundo o padre Severiano de Rezende, no seu lindo livro *O meu Flos Sanctorum*, foi um milagre o nascimento de S. João Baptista. O pai deste santo, Zacharias de nome, era um sacerdote já velho; sua esposa tambem. Ambos haviam mandado ás urtigas o amor. De repente, no templo, apparece-lhe o archanjo Gabriel, assistente do throno de Deus e avisa-o do nascimento do celicola. “Bem velho estou já, disse elle ao enviado celeste, e minha esposa vae avançada em annos; quem me garante o que acabas de dizer?”. Gabriel então declarou que cumprira ordens apenas; nada tinha com o milagre caso se realizasse ou não; e, abrindo as asas refulgentes no ether, voou. Quando o menino nasceu, Zacharias perde a fala e não ouve, exactamente no instante em que a esposa, inspirada celestialmente, escolhe o nome do Precursor. Os parentes não queriam a denominação. Ninguém na familia se chamava assim...

Consultado Zacharias, que jazia taciturno e macambuzio de parte, este pegou num estylete e escreveu: "Seu nome será João". Foi o sufficiente para lhe voltar a palavra, e a começar a ouvir tudo em redor como antes. Vê-se, pois, que a vida do grande santo destinado a baptisar Jesus, iniciava-se com pormenores miraculosos e confusos a ponto de uns o julgarem o propheta Elias e outros o proprio Messias. Envolto em pelles de camello ia elle um dia pela estrada, quando, perto das margens do Jordão, avistou uma pessoa. Estremeceu. Elle, que era um verdadeiro leão pregando no deserto contra os poderosos, quasi tem um deliquio. Reconheceu, todavia, sem nunca tel-o visto, o Redemptor. Seu coração batendo apressado denunciou o Divino Mestre. Alçou a direita e apontou com o dedo Jesus á turba que o acompanhava. De seus olhos corriam lagrimas. O seu verbo ficou electrizante, a sua physionomia carinhosa e meiga. Invadiu-o a alegria. "Elle é o cordeiro que tira os peccados do mundo...", affirmou designando Jesus.

Eis ahi o santo que a humanidade catholica festeja e reverencia. E talvez porque S. João vivia agrestemente pelos bosques, além de ter baptisado Jesus, o mundo christão, e sobretudo nós, paraenses, festejamol-o com passagens de fogueiras, banhos cheirosos, sortes, fogos, balões, tocatas e paparocas, certo em attenção aos gafanhotos que

o santo comia, ás achas de lenha que elle accendia, ao seu pifaro de canela de veado, etc., etc. A familia paraense dedica ao celicola particular estima, naturalmente porque a devoção é leve e o rito grato a todos. E por entre a novena e a dansa, nas igrejas e nos terreiros, nos quintaes e nas salas, além dos bolos e das cangicas, aflora na imaginação ingenua dos catholicos o perfil fascinante de S. João, sempre devotado á sua nobre missão de pregar o banho cheiroso entre nós, comervas, cipós, folhas, trevos, jasmins e rosas.

Não ha casa paraense que não tenha no dia do santo as suas corôas de pataqueira destinada ás donzellas, ás crianças e até aos machacazes. Os fogos de bengala, as pistolas, os balões fazem parte da noite alegre. Um pouco barulhento talvez o santo, algo pyrotechnico, padroeiro do tiro e do ronco, mas casadouro que é uma belleza. Os namorados o adoram e promettem-lhe mundos e fundos ao saltar as fogueiras de mãos dadas com a escolhida do seu affecto. Em geral não pagam a promessa e se esquecem do apoio que o celicola lhes dá no momento da onça beber agua...

A EXPEDIÇÃO IGLESIAS

A Amazonia é o paraíso dos naturalistas. Para ella se volve o olhar de todas as raças adiantadas. Bates viveu cêrca de nove annos em Teffé e onze no valle. Humboldt, que não conseguiu forçar as portas do Baixo Amazonas atravez da Venezuela, chegou até S. Carlos, no rio Negro. Spix e Martius mexeram e remexeram a planicie. La Condamine, Orton, Chandless, Gibbon, Ladario, Cruls, Adalberto da Prussia, Coudreau, Branner, para não citar muitos outros que se identificaram com a natureza e por aqui morreram obscura mas gloriosamente. Em Manaus reside uma das maiores individualidades nacionaes de homem de sciencia: Adriano Jorge. Medico, cultura solida, é, sem favor, um sabio que honra o seu paiz e a sua raça atravez de todas as provincias da intelligencia. Todos esses vultos, animados pelo toque superior de desvendar os segredos da Natureza olham, penetram, devassam as hypotheses.

Além das figuras isoladas, no entanto, aqui estiveram missões que traziam especialistas afim de, irmanados, levantar a cortina fabulistica de varios problemas universaes. A missão Morgan, a missão Schurz, a missão Rice, a missão Rondon, mais ou menos equipadas e aparelhadas do que havia a esse tempo de perfeito no mundo scientifico, subiram Amazonas e tributarios para a analyse do indio, da terra, da agua, dos ventos, das linhas isothermicas.

Era para vir no *Artabro*, trazendo na testada dos homens de sciencia o capitão Iglesias, uma nova expedição mandada pelo governo hespanhol. O iman que a attrahia não seria mais a fabula do El-Dorado dos seculos XV e XVI, quando a gente de Castella, no heroismo das descobertas, andou revelando á humanidade as rechãs do Novo Mundo. O que fascina actualmente o grande povo peninsular são as descobertas scientificas, os problemas da Historia Natural, mais ou menos latentes no fundo da hinterlandia amazonica.

Objectivava o grupo egresso do Mediterraneo, das ourelas de Valencia, onde cahiu nagua o *Artabro*, ter voz no cabido em que assentam as altas mentalidades da terra. Trazendo na chefia da missão a singular individualidade do engenheiro Iglesias, bandeirante dos ares, geógrapho, typo completo emfim de nauta e explorador, era de prever um largo successo no terreno concreto da verdade. O

desejo dessa victoria seria o do povo, melhor, da raça hespanhola.

O capitão Iglesias encarnava a figura representativa desse desejo. Significava o anseio vivo de alguns milhões de criaturas; symbolizava a alma da gloriosa nação que andou, de braço dado ao pequenino e formidavel Portugal, completando a cartographia do globo. E' o espirito sonhador da patria de Ibanez e Unamuno refluorindo na imaginação de Iglesias, o audaz argonauta das nuvens. A cavallaria do oceano de Ojeda, Pinzon e Ponce de Leon se transforma nas montadas do devassador dos problemas scientificos. Não mais o imperialismo territorial, sim o imperialismo da sabedoria.

As paginas memoraveis que a missão Iglesias vinha escrevendo no palimpsesto amazonico, apagando hoje o que hontem se gravára, remarcaria o rejuvenescimento dum povo que não deseja ser apenas poderoso, forte, rico pelas armas e sim tambem pelo pensamento, pela meditação, que resolve e decifra os theoremas. Reproduzir-se-ia depois de seculo e meio na Amazonia, o que se deu no Paraguay com o capitão Felix de Azara, que, vindo numa simples commissão de limites, voltou á patria coberto de laureis conquistados nas paginas das *Viagens pela America Meridional*, obra cheia de sabedoria, e que é citada pelos maiores naturalistas da terra.

A melhor prova da armadura em que se abroquelava a missão Iglesias seria, de certo, o *Artabro*, a cujo bordo os expedicionarios cortavam o Atlantico para depois subir a maior corda fluvial do orbe. Navio em forma de hiate, todo de aço, de uma só helice, consoante a experiencia dos nossos *gaiolas*, é uma joia de architectura naval hespanhola. Mede entre perpendiculares, 52 metros e 20; bocca, 10 metros e 80; cala, carregado, 2 metros; desloca 800 toneladas; velocidade, 9 nós; raio de acção, 3.000 milhas. Carrega dois botes automoveis para 34 pessoas cada um; dois botes a remo com aparelhamento de velas; cinco embarcações miudas e mais duas balsas *Carley* para 25 pessoas. Tem o *Artabro* a bordo, como as montanhas nos flancos, todos os climas.

Por intermedio de correntes frias, geradas especialmente, os refeitorios, a casa das machinas, o alojamento dos officiaes, o rancho e os paiões registam o calor conveniente. Avaliemos a delicia de uma temperatura entre 15 e 20 graus em plena faixa equatorial. Télas millimetricas nas portas de tambor e nas vigias evitam o carapanã. A agua, mesmo destinada ao serviço sanitario, é filtrada. Uma onda supersonica, sob a quilha, regista as alterações bathymetricas desde meio metro até 500. De machinismo turbo-electrico, suas installações Diesel são identicas ás do gigantesco transatlantico *Normandie*. O machinista não é

quem faz andar avante ou a ré o navio, mas o proprio commandante.

O telegrapho que hoje se usa no passadiço das embarcações para ordenar ao mecanico que toque atrás ou pare, está ligado ao propulsor, de sorte que o capitão ou official em manobra, não ordena esta ou aquella medida, executa-a logo como se fosse o machinista de quarto. Conduz ainda o *Artabro* uma caldeira a vapor destinada a queimar lenha nos portos em que demora. A ré carrega um guindaste apropriado a levantar os hydro-aviões dos expedicionarios, que são dois; a meia nau, outro guindaste para o serviço de carga. Todo o tallehamar foi construido de forma a poder quebrar-gelo nos mares frios, o que indica futuras expedições polares.

Eis em linhas geraes o *Artabro*. Esta pequena maravilha naval espanta os proprios technicos pela maneira por que os constructores aproveitaram o espaço mettendo numa área reduzida um mundo de machinas, dois hydroplanos, onze embarcações miudas, fóra instrumentos, combustivel, armas, etc. A maior projecção scientifica da missão Iglesias seria a geographica; pretendia assignalar o manadeiro do Orenoco, e rectificar, em caso de erro, as nascentes do Amazonas. Além disso, almejava o proposito de estudar a meteorologia, o magnetismo, a geologia, a mineralogia, a botanica, a zoologia, a therapeutica indigena, os dipterios

hematogafos, os venenos selvagens, o paludismo, a tripanosomiasis, a dermatologia, a ethnographia e a anthropologia. Trazia, para isso, pessoal habilitado.

Como se vê, o grupo explorador visava apenas a sciencia. Tocaria em Belém, Manaus, Teffé e Iquitos, entrando no Içá e outros rios. O valor do capitão Iglesias, a sua clara intelligencia, o seu amor aos aspectos scientificos e aos problemas de interesse universal, assignalariam, nos tres annos de estudos dentro do amphitheatro amazonico, uma era memoravel. São os seus attributos, por nós já conhecidos, que nos levam a estes corollarios de viva confiança.

Infelizmente o communismo conflagrou a nobre patria do Cid, impedindo que a expedição Iglesias desvendasse, nas aguas e nas terras de varias nações que se debruçam na grande bacia mediterranea, problemas e enigmas que ainda continuam lacrados para a sciencia.

CONTRASTES MARAJOÁRAS

Um lado da ilha de Marajó é das gramineas e o outro das nymphéas. Da canarana, que médra deste lado em qualquer baixada, deixando ver-se em véus verde-cinza, á victoria-regia, que mēdra do outro, em familias de charões verde-glauco, floridas de branco numa noite e roseo na seguinte, a vegetação se polariza nos typos de terra arenosa e arida e nos typos de terra gorda e humosa, deixando claro, no exame que o olho educado na botanica fizer, que as plantas de um litoral são diferentes das do outro. Mesmo o perfil do homem vaqueiro do lado do oriente, costumado á sella, denunciando ethnicamente o aruã, mais vivo, mais intelligente que o mesmo aruã afeito ao banco da canôa e ao remo da orla contraria — transmite o colorido variado das raças que, á sombra protectora da flora, soffreram o mais cruel captiveiro.

Escravizado por uma liturgia que o selvagem suppunha festiva, sem inquirir jamais do traço

subjectivo do culto, que elle não podia entender, já pela differença de linguagem, já pelos mysterios dos ritos, logo que lhe pesava o ergastulo fugia deixando o vacuo da falta do braço, que embora revel e irregular, sem a disciplina do homem civilizado, ainda assim fazia falta pela absoluta ausencia do trabalhador rural que cuidasse das roças, dos engenhos, dos rebanhos. Os missionarios sempre tiveram as mais fundas desillusões com os selvicolas porque viam errada a approximação do indio, attrahido apenas pela abundancia alimentar dos mosteiros rudes e do tom alegre dos sinos, dos canticos, das dansas, e da propria cerimonia da missa, que seu espirito barbaro nunca penetrou religiosamente, senão como um acto commum de movimento social.

Se a divindade entre os povos cultos age mais pelo terror que pela fé, existindo sujeitos que só falam em Deus e nos Santos quando surprehendidos pelas tempestades, pelos trovões e pelas faiscas electricas, com muito mais razões entre os selvagens. Só a manifestação violenta dos elementos que fulminam uma arvore, descobrem a maloca, carbonisam um animal, destroçam uma flotilha, valia para o aborigene como um ser superior. O Deus manso, que faz milagres demorados, sem a prova sinistra do fogo, da agua ou do vento desencadeados no instante, sempre foi incomprehendido pelo homem criado no meio da Natureza,

afeito á defesa dos mais imprevistos inimigos, costumado a não se expor nos mais simples actos da existencia. No andar, no remar, no falar, no caçar, no pescar, possui os attributos que o defendem de qualquer surpresa, de tal modo elle é silencioso. Mal se ouvem as suas passadas, o seu jacuman, o seu murmurio, a sua batida á embiára, em terra e na agua. Tão discreto, que se preocupa sempre com a direcção da brisa, não vá levar-lhe a voz que o descobrirá.

XXX

JOÃO LUCIO DE AZEVEDO

Já lá vão alguns annos, telegrammas de Portugal nos deram a triste nova do fallecimento de João Lucio de Azevedo, o maior historiador que o Pará já teve e um dos tres Joãos que faziam parte da firma A. Berneaud & Cia., desta praça. Os outros dois chamavam-se João Affonso e João Borges. Prosador da mais alta linhagem, estheta de remarcados preceitos, João Lucio não entretinha contacto com as correntes literarias da nação que o hospedára. Foi um mimoso solitario da Fortuna. Sua prosa cheia de belleza, gemea da illustração, tinha o fascinio das letras de cambio, tão corrente e bem acolhida se apresentava aos eleitos do Senhor. Só os artistas e os eruditos lhe podem apreciar os rythmos verbaes e o lampejo da cultura. Estylo sonoro, musical, attinge por vezes aquella grandeza symphonica e orchestral do orgão no côro das igrejas.

O Paiz da Cannela, como por vezes elle proprio classificava o verde amphitheatro amazonico, repetindo o falar ingenuo dos chronistas dos seculos XVI e XVII, infiltrou-lhe, além dessa sensibilidade chromatica, melodiosa e reboante na descriptiva, a theoria dos aromas silvestres que se respiram nas suas paginas perfumadas a baunilha e a cravo, a cumarú e a pau-rosa. Entretanto, faltou-lhe, de certo, o segredo nativo de Porto Seguro, desse querido e patriotico Varnhagem, para augmentar e requintar as historicas essencias de seu uso com as resinas, os balsamos, os musgos, os trevos, as raizes, os leites, os breus, os cipós, as cascas de que se servia o autor da *Historia Geral do Brasil*. Na ambiencia paraense em que desenvolveu a sua mentalidade dir-se-ia lhe terem fallado alguns segredos da Natureza.

Não foi, pois, um adaptado integral, capaz de esquecer a paisagem e os symbolos lusitanos pelas allegorias e o folk-lore do povo que o acolhera. Por isso os seus deuses eram mythologicamente estrangeiros, oriundos do Olympo grego ou romano, com o emblema adventicio das fabulas immemoriaes. A nossa lenda, restricta ao Novo Mundo, envolta na theogonia autochtone, cujos deuses nós não sabemos ainda se coroar de rosas ou roçagar o manto de seda, desencantava-se na fantasia ibera de João Lucio. Vindo mocinho para este recanto do continente, não lhe succedeu o mesmo que suc-

cedera ao padre Antonio Vieira que, trazido criança para a Bahia, fez a sua ambiencia literaria no berço de Ruy, sendo um classico portuguez em moldes americanos, enquanto que João Lucio era um classico brasileiro em moldes europeus. Desde os primeiros trabalhos na imprensa de Belém, que a sua organização fôra attrahida pela historia. Esmerilhava os seculos passados, restabelecia a mascara ethnica dos povos, alargava os horizontes anthropogeographicos e ajustava os pontos capitaes dessa curiosa geographia de Ratzel.

Quem lhe balanceia a obra desde os *Estudos da Historia Paraense* até os seus grandes livros *Os Jesuitas no Grão-Pará* e *O Marquez de Pombal e a sua Época*, verifica o evoluir do seu espirito, a ascensão de sua intelligencia, a força com que a perfectibilidade alargava a copa daquella arvore literaria para a meditação e a pesquisa. Apesar das minudencias com que estudou a politica e os negocios da Companhia de Jesus aqui, foi um indifferente á planicie. Do seu talento literario nos restam alguns livros, mas da sua actividade commercial de armador e banqueiro não ha uma lembrança que lhe atteste a passagem, o vestigio, a sombra sequer. A fortuna que adquiriu levou-a para esse famoso *jardim á beira-mar plantado*. Recapitulando o poder de suas imagens e a formosura verbal de sua narrativa, estrellada como uma noite escura do Equador, rememoro-lhe tambem a psycho-

se, a palestra, a inquietação, a ansia de abandonar a plaga que lhe encheu a arca de ouro e o cerebro de sabedoria. Tinha-se a impressão, quando se lhe ouvia a conversa distrahida, os monossyllabos fulminantes, de que a sua estada á margem da bahia de Guajará equivalia a um desterro. Mostrava-se um expatriado ancioso por volver ás rechãs da outra banda do mar, onde Camões imprimira os *Lusiadas*, idealizando a ilha dos Amores. A saudade, aberta em letras commovidas e magneticas, andava-lhe escripta no coração.

Com elle falei, com elle troquei idéas, com elle ventilei pontos obscuros da nossa geographia. Socio de uma grande casa armadora de Belém, á travessa Marquez de Pombal, commandei varios navios dessa frota magnifica. Ao tempo — só hoje ligo as linhas desse livro em ebulição — já lhe trabalhava no cerebro o assumpto que havia de florescer pomposamente n' *Os Jesuitas no Grão-Pará*.

Qualquer cousa da hinterlandia constituia para elle motivo de mil perguntas, isto numa época em que eu não escrevera ainda uma linha para jornal. Mal me distinguia a entrar nos armazens da firma, chegava-se logo a mim e ia puxando conversa sobre flora, sobre fauna, sobre aguas, sobre igapós, sobre lendas, como se a minha pessoa fosse um tomo vivo de consultas. Isto com tanta insistencia e tanta demora que um dia o chefe do

trafego da Casa, João Borges, antigo capitão de navios a vela, veio ter onde nós estávamos, e, de physionomia sisuda, perguntou-me se já assignara o expediente (estava eu de partida no *Rio Afuá*). Quem respondeu foi João Lucio: "Elle vae assignar já". Ao que retrucou João Borges: "Não sei que prazer vocês têm em conversar besteiras".

As besteiras que o velho mareante ouvia, eram-mais ou menos estas: "Então o bôto tucuxy auxilia os naufragos, levando-os para terra?". "Você acha que o Tocantins não é affluente do Amazonas?". E outras mil perguntas de character faunístico, botânico e geographico, desapparecimento de ilhas, *sacados* que se abriam, praias que se formavam.

Sobre o delta do Amazonas, certa occasião, perdemos horas. A cada resposta minha elle tinha sempre um argumento contrario, que me atrapalhava ás vezes as definições, os corollarios descriptivos, obrigando-me a novos exemplos, a mais fortes surtos de raciocinio. Só depois percebi que elle não conversava com o commandante dos seus navios, mas com a testemunha visual dos phenomenos amazonicos. O que o seu espirito desejava, na troca de idéas, era apenas o meu depoimento. Ouvia-me como se ouve um viajante que traz noticias do outro hemispherio, que vem da India, da China, da Africa, abarrotado de novidades.



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA